



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

OPÇÃO VERBAL PARA O ENSINO DA LÍNGUA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Línguas Estrangeiras Aplicadas –
TEFL

Por

Maria Clara Rebeca Geadas

Faculdade de Ciências Humanas

Julho de 2012



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

OPÇÃO VERBAL PARA O ENSINO DA LÍNGUA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Línguas Estrangeiras Aplicadas –
TEFL

Por

Maria Clara Rebeca Geadas

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação da Professora Doutora
Isabel Salazar Casanova

Julho de 2012

Opção Verbal para o Ensino da Língua

ÍNDICE

Resumo	9
<i>Abstract</i>	12
Introdução	14

Capítulo 1

Time and <i>Tense</i> / Tempo Real e Tempo Gramatical	22
1.1 <i>The Past Simple Tense / The Present Perfect</i>	31

Capítulo 2

O Aspeto Verbal	38
2.1. Valores aspetuais	40
2.1.1. Durativo e não durativo	40
2.1.2. Perfetivo e imperfetivo	44
2.2. Classes aspetuais	48
2.2.1. Eventos, processos e estados	
Télico e atélico	48
2.3. Auxiliares aspetuais	54

Capítulo 3

O Tempo Verbal57

3.1. O Past Simple Tense e o Present Perfect

O Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Perfeito Composto59

3.1.1. Sintagmas adverbiais temporais72

3.2. Gramáticas73

3.2.1 Gramáticas científicas78

3.2.2 Gramáticas pedagógicas adotadas nas escolas79

3.3. Programas de Língua Estrangeira – Inglês

Ensino Secundário85

3.3.1. Manuais escolares adotados nas escolas

Básico e Secundário.....89

Capítulo 4

Unidade Didática96

Planificação / Lesson Plan102

Capítulo 5

Conclusão115

Bibliografia119

Anexos124

Lista das Siglas

BrE (British English)

AmE (American English)

TLEBS (Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário)

EGIU (English Grammar in Use)

OPG (Oxford Practice Grammar)

ILP (Intermediate Language Practice)

HEW (How English Works)

GIG (Grammar is Great)

GTT (Grammar Through Text)

EVG (English Visual Grammar)

LE I (Língua Estrangeira 1)

LE II (Língua Estrangeira 2)

QECR (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas)

The word *grammar* is used variously, both in everyday language and as a technical term. It may refer to a book or to the contents of a book. Its scope may be restricted to syntax (the ways in which words combine into structures of phrases, clauses, and sentences) or it may include many other aspects of language. Grammars may be primarily intended as reference works or as textbooks; they may be aimed at native speakers or foreign learners. Descriptive grammar describes the rules of the language objectively whereas prescriptive grammar evaluates and advises.

Greenbaum (1996: 22)

Resumo

The English language is the medium of globalisation and it is itself deeply affected by globalisation.

Jennifer Jenkins, 2005

A globalização, as novas tecnologias, especialmente a Internet, *chatrooms* e as redes sociais, bem como o facto de a língua inglesa ser falada por mais de 470 milhões de falantes como língua materna e como segunda língua, podendo chegar ao bilião contando com os falantes de inglês como língua estrangeira, contribui cada vez mais para acentuar as diferenças em relação ao inglês padrão.

Estes fenómenos, aos quais podemos acrescentar as *Instant Messaging* e *Street Talking* (culturas paralelas), vieram acentuar, mais ainda, as dificuldades no ensino / aprendizagem da língua inglesa como língua estrangeira. As principais dificuldades detetadas ao longo do tempo prendiam-se com o ensino / aprendizagem da forma verbal e forma aspectual que não têm correspondência no caso português. A língua inglesa apresenta apenas dois tempos, o *Present Simple* e o *Past Simple*, sendo as restantes as chamadas formas de índole aspectual ou modal que incluem a formação progressiva, *Present* e *Past Continuous*, o *Perfect*, *Present* e *Past Perfect* e a forma modal também. Sabemos que em português existem várias formas de flexão verbal, logo à partida, o Presente, o Passado e o Futuro, revestindo-se de várias combinatórias como o Pretérito Perfeito Simples, o Pretérito Perfeito Composto, o Pretérito Imperfeito e o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto, só para mencionar alguns.

Tanto os linguistas como os gramáticos consideram ser indispensável o bom uso da língua tanto ao nível da linguagem escrita como falada. Falar bem uma língua será, segundo Greenbaum, usá-la de forma correta, o chamado *standard English*, de modo que a mensagem seja claramente interpretada e reconhecida pelo ouvinte. De realçar também os

exames obrigatórios nos vários níveis de ensino, no Cambridge ESOL, por exemplo, em que a exigência em relação à utilização correta do *British English* é extrema. Assim, o inglês padrão (BrE) é a variante oficial estudada no sistema educativo (gramáticas e vocabulário), transversal a todos os países e usada em documentos oficiais e académicos / científicos. É também a norma utilizada em instituições oficiais, tais como o governo, os tribunais e os meios de comunicação social e é universalmente compreendido. Assim, consideramos que ensinar *British English / Standard English* será uma mais-valia pois, como acima é referido, esta variante é universalmente compreendida e os alunos precisam de uma linha orientadora que os conduza ao sucesso. Precisam também de fazer exames e de compreender o que é exigido para uma eficaz resolução dos mesmos. As regras de gramática devem ser claras e objetivas, não ao sabor da variante ou outras formas de expressão criativas que possam surgir.

Em Portugal, a maior dificuldade ao nível da aprendizagem da língua estrangeira e fonte de elevado nível de reprovações prende-se com a aprendizagem das formas verbais na sua generalidade, e particularmente do *Present Perfect*, pois não há equivalência direta entre os vários tempos, como já referido. Pretendemos mostrar que pode não ser assim, que existe uma outra abordagem possível e mais simples, podendo contribuir, desta forma, para um caminho de sucesso.

Este trabalho tem como objetivo mostrar como poderemos, de forma clara e objetiva, estudar um dos pontos que, como referimos acima, mais dificuldades levanta aos aprendentes de inglês como língua estrangeira: o ensino e aprendizagem da forma aspetual *Present Perfect*.

Esperamos, assim, contribuir para um melhor entendimento deste ponto controverso da gramática inglesa e, principalmente, ajudar os nossos alunos a sentirem-se mais motivados e participativos, pois a aprendizagem da gramática de qualquer língua é algo que nos faz querer saber sempre mais.

Esperamos também que este trabalho possa, de alguma forma, ajudar os nossos colegas, facilitando momentos mais agradáveis de interação no processo de ensino / aprendizagem desta forma aspetual. Pois os professores de línguas, conseguindo uma boa

combinação de competências linguísticas e pedagógicas, podem despertar no aprendente um entusiasmo pelas línguas que lhe ficará para o resto da vida.

Abstract

Globalisation, new technologies, especially the Internet, chat rooms and social networks, as well as the fact that the English language is spoken by over 470 million speakers as a mother tongue and as a second language and can even reach a billion counting the speakers of English as a Foreign Language, is increasingly contributing to accentuate the differences from Standard English.

These phenomena, to which we can add ‘Instant Messaging’ and ‘Street Talking’ (parallel culture), have been emphasizing the difficulties in the process of teaching / learning English as a Foreign Language. The main problems detected over time were related to the teaching / learning of verbal and aspectual forms that have no equivalent in the Portuguese case.

The English language has only two tenses, the Present Simple tense and the Past Simple tense, whereas the other forms are called aspectual or modal forms which include progressive forms, Present and Past Continuous, the perfect, Present and Past Perfect and modality as well. We know that in Portuguese there are several forms of verbal inflection, the Present, Past and Future, taking on various combinations as the *Pretérito Perfeito Simples*, *Pretérito Perfeito Composto*, *Pretérito Imperfeito* and the *Pretérito Mais-que-Perfeito Composto*, to name a few.

Both linguists and grammarians consider as essential the proper use of language both in written and spoken language. Speaking a language well is, according to Greenbaum, using it correctly, the so-called Standard English, so that the message is clearly understood and recognized by the listener. There are also several exams required in the various levels of education. In Cambridge ESOL, for example, the requirement regarding the correct use of British English is extreme.

In Portugal, the greatest difficulty at the level of Foreign Language learning and a source of high level of failures is related to the learning of verb forms in general, and particularly the - Present Perfect - because there is no direct equivalence between the

various tenses, as cited above, and because the Present Perfect means that any situation occurred in the past is perfective, completed.

Therefore we intend to show that it may not be so, that there is another possible and simpler approach, contributing in so doing, to a path of success.

This work aims to show how we can clearly and objectively examine one of the points, as noted above, that presents more difficulties for learners of English as a Foreign Language: teaching and learning the Present Perfect.

We also hope that this work may in some way, help our colleagues facilitating the most enjoyable moments of interaction in the teaching / learning process of this aspectual form.

Thus, language teachers, getting a good combination of language and skills, may stimulate in the learner an enthusiasm for languages which will be for the rest of his life.

Introdução

... I have been struck by a particular gap. Pupils need to know about the workings of the English language if they are to use it effectively. Most schools no longer teach old-fashioned grammar.

But little has been put in its place. There is no common ground on teaching about the structure and workings of the language, about the way it is used to convey meaning and achieve other effects. We need to equip teachers with a proper model of language to help improve their teaching.

Fairclough (2001: 196)

A aprendizagem de uma língua estrangeira é um pré-requisito essencial no acesso ao conhecimento e proporciona a todos os alunos uma valiosa ferramenta no que à mobilidade pessoal e profissional diz respeito. Além disso, permite também o acesso a outras culturas, outros valores, modos de viver e pensar, para além de potenciar, desta forma, o alargamento das suas mundividências. Contribuindo, assim, para a formação da pessoa humana, ajudando a desenvolver valores, atitudes, competências gerais e individuais.

Os professores de língua estrangeira sabem que constitui fonte de maior dificuldade na aprendizagem de uma língua a diversidade de aspetos apresentados pela língua materna e pela língua de estudo, sendo que os alunos têm tendência a transferir as estruturas adquiridas na língua materna para a língua estrangeira que estão a aprender. Um desses fatores prende-se, sem dúvida, com a aprendizagem da gramática.

O presente trabalho incide, portanto, sobre um dos pontos mais controversos do ensino da gramática da língua inglesa, o *Present Perfect*. O ensino das formas verbais, como dissemos, é uma questão difícil para os alunos, pelo facto de as relações sintático-semânticas das formas de ambas as línguas não serem correspondentes. Assim, temos as formas verbais inglesas - *Present Simple* e *Past Simple* - e as formas portuguesas de: Presente, Passado e Futuro. Para além desta questão, já de si confusa, temos a questão da não correspondência entre tempo real e tempo gramatical. Acresce, ainda, o facto de as

gramáticas (científicas e pedagógicas) que professores e alunos usam para estudar e clarificar as suas dúvidas não alcançarem tal objetivo, quer sejam gramáticas inglesas ou portuguesas, induzindo-os em erro, não lhes permitindo uma correta consciencialização do funcionamento linguístico.

As gramáticas pedagógicas refletem a tendência dominante também defendida pelas gramáticas científicas de que esta estrutura – *Present Perfect* –, podendo indicar algo que aconteceu no passado, se estende até ao momento presente, o que torna muito difícil e complicado, tanto o ensino como a aprendizagem desta mesma estrutura. Ora, tal informação é incorreta induzindo-nos em erro. Como podemos observar, as frases “I have eaten many oranges” e “I ate many oranges” traduzem ambas a mesma ideia em português: Eu comi muitas laranjas.

Propomo-nos, assim, analisar e esclarecer este ponto da gramática inglesa usando uma abordagem diferente da expressa habitualmente nas gramáticas quer pedagógicas, quer científicas, e da forma como é trabalhada nos manuais escolares e, sem dúvida, mais clara, simples e objetiva.

Pretendemos clarificar esta questão através de inúmeros exemplos, mostrando a nossa discordância com os gramáticos através dos seus próprios exemplos, demonstrando que a estrutura *Present Perfect* refere ações perfeitivas não marcadas no tempo, que poderão, no entanto, não ser conclusivas. Está em evidência o facto e não o momento em que tal facto ocorreu. Interessa ‘o quê’ não ‘quando’:

I saw Mary at the bar yesterday. (*Past Simple*)

I’ve seen Mary. (*Present Perfect*)

quer isto dizer que, quando queremos informar o nosso interlocutor acerca de um facto ocorrido em determinada situação, usaremos o *Present Perfect*; quando, por sua vez, o queremos informar acerca do momento em que essa situação teve lugar, usaremos o *Past Simple*. Assim, por exemplo, a frase “I saw Mary” será estranha, pois falta-lhe a localização temporal que o *Past Simple* exige, ao mesmo tempo que se diz que este tempo verbal indica quando a ação ocorreu.

Pretendemos também criar uma unidade didática numa turma de 12.º Ano de escolaridade e, simultaneamente, ano de conclusão do ensino secundário, com o objetivo de chamar a atenção dos alunos para esta questão, mostrar-lhes o que está errado e ajudá-los a compreender o funcionamento desta estrutura, sabendo como e quando a devem aplicar de modo a que se sintam mais confiantes a usá-la em estudos posteriores.

A unidade didática terá em vista uma aula de noventa minutos e uma outra aula de quarenta e cinco minutos. Numa primeira fase, promoveremos um debate geral sobre a utilização do *Past Simple* e do *Present Perfect*. Pretendemos alertá-los para o uso de advérbiais e, pretendemos que compreendam, desta forma, como o recurso a advérbiais durativos de fronteira direita aberta poderá alterar completamente o sentido da frase, conferindo-lhe aquele sentido que eles tão bem conhecem de que a ação se prolonga até ao presente.

Usaremos como recursos o *PowerPoint* e o quadro interativo. Serão projetados *slides* com frases diversas que os alunos terão de identificar, explicando o porquê da sua opção. Surgirão questões que aproveitaremos para rever e / ou explicar. Recorreremos, então, ao quadro interativo para usar material da Internet onde eles poderão resolver os exercícios *online* ou material fornecido pelo professor. Solicitaremos aos alunos que completem os exemplos de forma adequada, consolidando, desta forma, os resultados do debate e da revisão efetuados. Numa segunda fase da mesma aula, ouviremos excertos dos romances por nós utilizados, trabalho de *listening / reading* que será seguido de exercícios de *speaking* e *writing* ao terem de responder a algumas perguntas e fazer o levantamento das formas perfeitas. Por último, serão convidados a relatar uma história que lhes tenha acontecido e que terão de passar a texto na aula seguinte.

Para cumprirmos os nossos objetivos, estruturámos o corpo desta dissertação em três capítulos fundamentais. O capítulo 1, o tempo real e tempo gramatical; capítulo 2, o aspeto verbal e o capítulo 3, o tempo verbal. Na Introdução, explicamos o porquê deste trabalho, justificando as nossas escolhas e a nossa posição em relação ao tópico, descrevendo como se irá processar e recorrendo a exemplos de diversas fontes como, por exemplo, obras de autores reconhecidos, tendo por base a nossa experiência profissional. A unidade didática pretende ser um ponto de consolidação das aprendizagens e, com a conclusão, pretende-se referir as nossas convicções em relação a este ponto da gramática inglesa e os nossos

anseios em relação ao que gostaríamos que acontecesse e que certamente beneficiaria os alunos.

Tempo e Aspeto expressam de maneiras diversas a perspectiva como o homem vê os acontecimentos que ocorrem no tempo real. Assim, foi devidamente anotada a relevância das expressões adverbiais na indicação de tempo real. Queremos com isto dizer que é o sintagma adverbial e não o *Present Perfect* que atribui todos os valores que bem conhecemos como ‘refere uma ação que começou no passado, mas se prolonga até aos nossos dias; tem relevância no presente, ou uma ação repetida no passado ou, ainda, uma ação que teve lugar num passado recente’. Nestas situações, se acompanhado de sintagmas adverbiais durativos de fronteira direita aberta, descreverá situações que se verificam num período de tempo que dura até ao momento da enunciação, incluindo-o e, apresentando, claramente, aspeto imperfetivo. Assim, o sintagma adverbial temporal durativo de fronteira direita aberta desempenha um papel decisivo na determinação do valor aspetual da frase, aproximando-se, conseqüentemente, do Pretérito Perfeito Composto português. Excetuando estes casos, quer dizer, a ausência do sintagma adverbial atribui ao *Present Perfect*, como já referimos, apenas um valor de passado indefinido, aproximando-se, então, do Pretérito Perfeito Simples português. Nestes casos, apenas importa o facto ocorrido e não o momento da sua ocorrência.

Ilustraremos também a função de algumas formas verbais, como o *Past Simple* em inglês e o Pretérito Perfeito Simples e Composto em português, com o intuito de se verificar em que situações são usadas e estabelecer um contraste com o *Present Perfect* (a explorar na unidade didática).

Aproveitámos um dos livros de leitura extensiva que acompanham os manuais escolares e recorreremos a mais dois autores: Somerset Maugham (‘Jane’), Elizabeth Gaskell (*North & South*). Recorreremos também à Bíblia (capítulos 22 e 24) e seleccionámos somente as passagens em que ocorriam situações de *Present Perfect* ou de *Present Perfect / Past Simple*, como poderemos observar, sem o recurso aos adverbiais, com o intuito de ilustrar claramente a nossa posição em relação a este ponto de discordância.

Pensámos o trabalho desta forma porque acreditamos e consideramos fundamental o ensino da gramática, como refere Fairclough, com todas as regras e pressupostos. Considerando que a gramática de uma língua constitui um potencial ideológico, segundo

afirma Dendrinós, é imprescindível que os nossos alunos a saibam usar corretamente. Não só a gramática da sua própria língua, mas a da língua objeto de estudo também. Só assim poderão ser sujeitos sociais ativos. Defendemos que é essencial, ao contrário do que algumas correntes de pensadores hoje em dia defendem, a existência da língua inglesa padrão, aquela que é por todos estudada e compreendida, apesar de todas as variantes impostas pela evolução dos tempos e também pela imperiosa necessidade de comunicar por parte dos jovens que leva a uma adulteração do bom uso da língua. Importa, pois, conhecer a língua. Deveríamos todos, alunos e professores, ser capazes de falar sobre ela, e é neste processo de consciencialização que os estudos gramaticais vão desempenhar um papel de relevo.

Iniciamos, desta forma, o presente estudo com alegria e confiança. Para além de todo o apoio e suporte por parte da nossa orientadora, Professora Doutora Isabel Casanova, a quem agradecemos de todo o coração pela sua disponibilidade e pelas suas valiosas sugestões sem as quais não teríamos conseguido otimizar este trabalho, temos também o suporte dos programas nacionais de Inglês para os ensinos Básico e Secundário (que referem o *Perfect* como categoria aspetual, ao contrário das gramáticas e manuais escolares), do Linguista Norman Fairclough [(1989) 2001] que usa o *Present Perfect* naturalmente quando ao passado se refere e apenas pretende realçar o facto e não o momento em que tal facto aconteceu. Na questão 5 do seu livro (2001: 100): *What experiential value do grammatical features have?* Fairclough explora as frases simples, tipo declarativas, e escolhe os seguintes exemplos. Como podemos observar, interessam os factos e não quando ocorreram:

South African police have burnt down a black township.

Contras have killed many peasants.

Fairclough não estabelece qualquer diferença entre, por exemplo, as questões *What happened?/ What has happened* nestes casos. (2001: 101-2)

David Crystal (2005), no prefácio ao seu livro, também recorre ao *Perfect* para falar de passado.

É uma situação comum. A narrativa recorre ao *Perfect* para contar uma história sempre que pretende dar relevância aos factos em si próprios.

A *short story* que acompanha o manual escolar de 7.º ano ‘*Your Turn*’, ‘*The Canterville Ghost*’ de Oscar Wilde, por exemplo, é bastante ilustrativa do que acabamos de afirmar. Temos referências como:

Too many of my family have seen the ghost.
I have seen things here that are terrible to describe. [...] I have not closed my eyes.
I’ve brought you a bottle of ...
Everybody – everybody has been afraid of me. [...]
I’ve brought you some of Dr Dobell’s ...
‘What’s happened?’ he thought. ‘Where has the ghost gone?’
Mr Otis wrote a letter to Lord Canterville and said: ‘We think the ghost has gone away.’ [...]
[...] ‘And you have been very bad. [...]
[...] for all the things I have done, [...] And if you have been sweet [...]
They looked everywhere, and asked everybody, ‘Have you seen Virginia?’
‘Where have you been?’ said Mr Otis. ‘We’ve looked everywhere for you, and your mother has been so frightened for you. [...]
‘Father,’ said Virginia, ‘I have been with the ghost. [...]
‘My dear sir,’ replied Lord Canterville, ‘your daughter has been a wonderful friend [...]

Qualquer das situações acima transcritas refere situações passadas, não importa quando aconteceram, apenas interessa que aconteceram num tempo indeterminado no passado e que são terminadas.

Em ‘Jane’, Somerset Maugham também recorre ao *Perfect*, fazendo o contraste com o *Past Simple* por vezes no mesmo discurso consoante as necessidades da ação. Seleccionámos algumas passagens [Destacados nossos]:

‘I’ve made them into a huge brown-paper parcel and hidden them in the attic.’
[...]
‘What **have you done** with the tea-cozy I **gave** you **last time I came up**, Marion?’ she asked. ‘Don’t you use it?’
‘Yes, I use it every day, Jane’ answered Mrs. Tower glibly. ‘Unfortunately we had an accident with it a little while ago. **It got burnt.**’
‘But the last one I gave you got burnt.’
[...]
‘But of course I’ve lived a very quiet life.’
[...]
‘I’ve told him that.’
[...]

‘Jane and Gilbert have separated,’ she said.

[...]

‘Marion, Jane has left me.’

[...]

‘Gilbert has been here,’ she said.

[...]

‘No man of my own age has asked me five times. In fact no man of my own age has asked me at all.’

[...]

Em *North & South*, Elizabeth Gaskell apresenta-nos um retrato brilhante da mulher sulista de classe média na sociedade inglesa do século dezanove. Os diálogos são ricos e recorrem ao *Perfect* para melhor esclarecerem os factos ocorridos quando indefinidos em termos de localização da ação no tempo. Transcrevemos algumas passagens do capítulo 52, realçando, mais uma vez, a utilização do *Present Perfect vs Past Simple*. Recorre-se ao *Past Simple* sempre que a ação precisa de ser localizada no tempo, sempre que precisamos de um ‘quando’. (capítulo 52). [Destacados nossos]:

‘Mr. Lennox has only spoken of the great probability...

‘... what you have lost -- don’t speak till I have ended – pray don’t!’

‘They are from Helstone, are they not? I know the deep indentations round the leaves.

Oh, **have you been there?** When were you there?’

Recolhemos ainda algumas passagens do livro de Genesis da Bíblia, capítulo 22:

¹² ‘Do not raise your hand against the boy,’ the [angel](#) said. ‘Do not harm him, for now I know you fear God. You **have not refused** me your own beloved son.’

¹⁶ ‘I swear by my own self, [Yahweh](#) declares, that because you **have done** this, because you **have not refused** me your own beloved son,

¹⁸ All nations on earth [will](#) bless themselves by your descendants, because you **have obeyed** my command.’

e capítulo 24:

¹⁴ ... let her be the one you **have decreed** for your servant Isaac; by this I shall know you **have shown** faithful love to my master’

²⁷... [Yahweh](#) **has led** me straight to the house of my master's brother.'

³¹ He said to him, 'Come in, blessed of Yahweh, why stay out here when I **have cleared** the house and made room for the camels?'

³⁵ Yahweh **has loaded** my master with blessings, and [Abraham](#) is now very rich. He **has given** him flocks and herds, [...].

³⁶ Sarah, my master's wife, bore my master a son in his old age, and he **has made** over all his [property](#) to him.

⁴⁰ and his reply was, "Yahweh, in whose presence I **have walked**, [will](#) send his [angel](#) with [...].

⁵¹ Rebekah is there before you. Take her and go; and let her become the wife of your master's son, as [Yahweh](#) **has decreed**.'

Consideramos a Bíblia um livro de referência e por isso o citamos. Sendo um livro que se encontra repleto de histórias ocorridas num passado em que o momento exato da ocorrência não interessava, ou seja, não poderia ser de modo algum relevante, o *Present Perfect* é a forma usada.

Concluiremos o trabalho com um pequeno capítulo resumo do nosso objetivo ao ter realizado este trabalho e do nosso sentir em relação à sua aplicação.

Capítulo 1 *Time e Tense / Tempo real e tempo gramatical*

The idea of locating situations in time is a purely conceptual notion, and is as such potentially independent of the range of distinctions made in any particular language.

Bernard Comrie (1985: 7)

Recuando um pouco no tempo até à gramática anglo-saxónica apresentamos um pequeno resumo do que foi o sistema verbal inglês:

A notable feature of the history of the English language is the building up of a rich system of *tenses*¹ on the basis of the few possessed by Old English where the present was also a sort of vague future, and where the simple preterit was often employed as a kind of pluperfect, especially when supported by *oer*, ‘ere, before’. The use of *have* and *has* as an auxiliary for the perfect and pluperfect began in the Old English period, [...]. In Middle English *have* came to be used extensively in the perfect of intransitive verbs as well as transitive; *I have been* does not seem to occur earlier than 1200. With such verbs as *go* and *come*, *I am* was usual in the perfect for several centuries, where now *I have gone* and *I have come* (*returned*, etc.) are the ordinary expressions.”

Jespersen (1962: 192) *Growth and Structure of the English Language*

“The system of tense in contemporary English is very complex, [...]. It is often said that our tense-system comprises two parts, present and past. [...] English has a variety of means with which to refer to time, past, present, or future. We do this typically by sequences of verbs which form complex verb groups. [...] we must acknowledge the existence of another system, called aspect, which intersects the system of tense. In general, aspect concerns the ways in which actions in time are viewed – are they habitual, ongoing, or completed?”

Dick Leith (1983: 94 - 5) *A Social History of English*

Dick Leith acrescenta ainda que o aspeto pode ser perfeitivo, logo, uma ação pode estar completa no passado. Apresenta como exemplo a frase *our experts have handled the installation*. Como podemos observar, a frase, encontra-se no *Present Perfect* e o autor considera-a uma ação passada sem recurso a qualquer adverbial.

É este o ponto que vamos desenvolver e exemplificar ao longo deste trabalho, demonstrar, como alguns estudiosos vêm fazendo, que o *Present Perfect* é uma forma com valor aspetual perfetivo, isto é, acabado ou realizado.

Voltando ao tempo real e tempo gramatical, as definições de *tense* poderão variar de gramática para gramática, dependendo do tipo de gramática escolhida, do autor e da época em que foi redigido o texto. Em algumas gramáticas, *tense* engloba todas as formas mesmo as aspetuais e modais. Por exemplo o *Perfect* e o futuro são incluídos nesta categoria. O que já não se verifica nas gramáticas mais recentes que restringem o seu uso apenas a dois tempos, o *past* e o *present*, também considerado por alguns linguistas, [cf., por exemplo, Lyons (1968 :305)], como *non-past*.

Os dicionaristas da Longman dão a seguinte definição de tempo real e tempo gramatical:

Time /taim/n 1 [U] a continuous measurable quantity from the past, through the present, and into the future: *The universe exists in space and time.* 2 [U] the passing of the days, months, and years, considered as a whole: Time goes by/passes quickly when you're enjoying yourself. /In ten years time [...] 3 [U] a particular system of measuring time: British Summer Time /Eastern Standard Time 4 [S;U] a limited period, e.g. the period that passes between two events, or the period needed or allowed for the completion of an action: It will take you a long time to learn French properly. [...]. (1)

Tense n [C;U] any of the forms of a verb that show the time and continuance or completion of the action or state expressed by the verb: "I am" is in the present, "I was" is past tense, and "I will be" is future tense. (2)

Dictionary of English Language and Culture (1992)

Muitos linguistas, como David Crystal, afirmam que:

Tense1. The grammatical expression of the time of a situation described in a proposition, relative to some other time; traditionally classified into present, past, and future, with other contrasts recognized depending on the language. Tense forms are usually defined as variations in the morphological form of the verb (e.g. I jump vs. I jumped), but some analyses allow the use of auxiliary verbs to be classified as tenses (e.g. I have jumped, I will jump). (5)

David Crystal (2001) *A Dictionary of Language*

Esta definição de Crystal vem corroborar o que acima dissemos no que concerne ao facto de alguns especialistas defenderem que as categorias aspectuais *perfect* e futuro possam ser classificadas como *tense*.

Neste momento consideramos possível afirmar que *tense*, o tempo gramatical, será um conceito estritamente linguístico ou gramatical, enquanto *time* faz parte da nossa vivência da realidade, representa a nossa perspectiva do mundo.

No entanto, o tempo real e o tempo gramatical nem sempre estão em concordância. E esta questão assume especial relevância quando se trata da aprendizagem de uma língua estrangeira.

Segundo Comrie (1985: 2) o tempo pode ser representado por uma linha, em que o passado ficará à esquerda e o futuro à direita. Ao centro teremos a representação do presente. Assim, poderemos localizar esquematicamente um conjunto de ações e representá-las no diagrama:

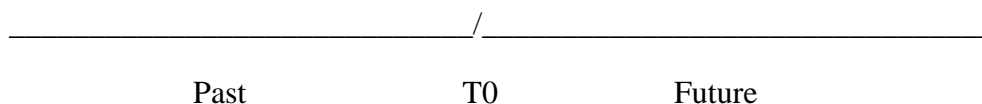


Figura 1

A esta linha espaciotemporal chamam os linguistas *Timeline* ou o eixo do tempo. Como podemos observar, é uma linha aberta, sem princípio nem fim, e dividida em três partes: o passado, o presente e o futuro. No entanto, esta linha não representa de uma forma exata o fluir do tempo. Por exemplo, não especifica que forma de presente observamos, uma vez que o presente não se refere apenas ao momento de enunciação, tal como o passado apenas a um ponto anterior a esse momento de enunciação. No entanto, o tempo gramatical tem como objetivo informar o leitor sobre o momento em que determinada situação associada a um verbo principal ocorre ou ocorreu, tendo como ponto de referência o momento de enunciação. Diz Comrie (1985: 14): “[...] the reference point is typically the present moment, and tenses locate situations either at the same time as the present moment [...], or prior to the present moment.”

As expressões deíticas têm como finalidade indicar referentes no interior da situação ou contexto em que são usadas, ficando assim dependentes desse contexto para a interpretação plena de todas as referências que comportam e que podem ser pessoais (eu e tu; os participantes), espaciais (localizações) e temporais (intervalos de tempo). Considera-se que a interpretação das expressões deíticas implica uma interpretação presencial, dado que é a presença no contexto que leva à identificação dos protagonistas e marca a sua localização e percursos no tempo e no espaço, mas nem sempre assim ocorre. Por exemplo, na frase ‘Come and have dinner later to see the new shoes and clothes I bought yesterday.’ Esta frase nada nos diz sobre a relação do falante com o interlocutor, se falam de longe ou ao telefone, se por escrito. Permite-nos apenas concluir que o interlocutor conhece o espaço onde o locutor se encontra e está certamente a par de todos os elementos lexicais contidos nessa expressão.

Ainda de acordo com Comrie (1985), o tempo gramatical pode ser subdividido em três parâmetros, sendo (S, *situation time*) o momento da enunciação, (E, *event time*) o tempo em que o evento ocorreu, e (R, *reference time*) o ponto de referência. A frase ‘Mary had arrived by the time her mother came back’ reflete claramente o que acabámos de dizer. O seguinte diagrama ilustra a situação:

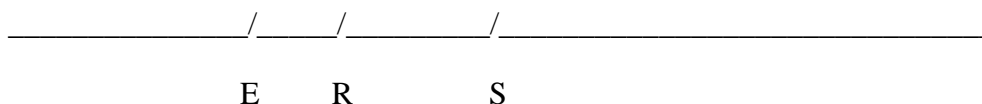


Figura 2

Atentemos nas frases: “Suddenly I remember the letter. I shall remember that moment until I die.” Na primeira frase o verbo ‘remember’ refere-se ao ato de recordar, é um verbo utilizado para fazer referência a um evento; na segunda frase, por seu lado, trata-se de um estado, a noção de que é algo que retemos na nossa memória, algo que se estende ao longo da linha do tempo. Um estado não estabelece limites, enquanto um evento tem princípio e fim. Voltaremos a falar de estados e eventos no capítulo três ao estudarmos as classes aspetuais.

Já vimos que tempo real e gramatical não têm uma correspondência direta. No entanto, verificámos também que a utilização de diferentes formas verbais não é alheia à ideia de tempo real e tem a ver com a forma como nos referimos a ações perfeitivas ou não

perfetivas, a um ponto no tempo ou a um período de tempo, a uma ação simultânea ao momento de enunciação ou a sucessivos eventos, às similitudes e diferenças entre o período de tempo anterior ou posterior ao momento de enunciação. Não esqueçamos que a alteração da forma gramatical provoca uma alteração no sentido da frase. Estas diferentes expressões de tempo traduzem-se nas relações temporais expressas pela forma gramatical e pelo uso de advérbios. As línguas podem situar ações no tempo recorrendo a outros recursos linguísticos que não apenas as formas gramaticais. É através do recurso a itens lexicais que segundo Lewis (1986) compreendemos a diferença entre o *Past Simple* e o *Present Perfect*.

Lewis (1986: 50) apresenta uma definição de tempo gramatical do ponto de vista do linguista. Como veremos, Lewis contradiz as afirmações de Crystal e de outros linguistas:

To the linguist tense is a technical term. It means that is a morphological change in the base form of the verb. A verb form which is made with an auxiliary is not, in this technical meaning, a “tense”.

In this technical sense, then, English verbs have only two tenses, those traditionally called the Present Simple (*go*) and the Past Simple (*went*). All other forms are made using auxiliaries, in particular the auxiliaries (**be**) and (**have**).

Lyons (1968: 304) faz um breve enquadramento do termo *tense* chegando à conclusão de que *tense* é uma expressão deíctica, indo ao encontro do defendido por Comrie e por nós já apresentado. Diz Lyons:

The term ‘tense’ derives (via Old French) from the Latin translation of the Greek word for ‘time’ (Greek *khronos*, Latin *tempus*). The category of *tense* has to do with time-relations in so far as these are expressed by systematic grammatical contrasts. Three such contrasts were recognized by traditional grammarians in the analysis of Greek and Latin: ‘past’, ‘present’ and ‘future’. [...] In fact tense itself is not found in all languages; [...].

Desde sempre se tomou como certo que esta representação tripartida de tempo seria a correta e aceite por todas as línguas. Como sabemos as línguas são diferentes. Poderemos mesmo dizer que cada língua é única num determinado ponto na sua própria e idiossincrática estrutura. A evolução fez-se de forma diferente nas diferentes línguas e as particularidades gramaticais que existem numa língua poderão não existir numa outra ou existir de forma diferente. Por exemplo, há línguas, como o hebraico, que não distinguem

entre tempos verbais, organizando na linha do tempo as situações entre acabadas e inacabadas, sendo as situações presentes e futuras consideradas inacabadas e também algumas já passadas. A língua inglesa não apresenta forma temporal de futuro, a língua russa, por exemplo, não tem artigos e a língua finlandesa não tem preposições [Lewis (1986: 51)].

Algumas das dificuldades apresentadas pelos alunos prendem-se com esta questão. Para eles não há qualquer diferença entre as línguas e tentam aplicar de forma ‘cega’ as estruturas da língua materna à língua de aprendizagem.

Acrescenta Lyons (1968: 305) ainda acerca de *tense*:

The essential characteristic of the category of tense is that it relates the time to the action, event or state of affairs referred to in the sentence to the time of utterance (the time of utterance being ‘now’). Tense is therefore a *deictic* category, which (like all syntactic features partly or wholly dependent upon deixis: cf.7.2.1) is simultaneously a property of the sentence and the utterance [...].

A gramática portuguesa organiza os verbos em torno do eixo temporal numa divisão tripartida entre presente, passado e futuro. Tal como se verifica na língua inglesa, também o presente, em português, é usado não só para referir situações de momento, mas também para referir situações passadas (Em 1498 Vasco da Gama chega à Índia) e futuras (Logo vou ao teatro; dentro de quinze anos reformo-me e vou dar a volta ao mundo). Da mesma forma, o passado também não refere apenas uma situação anterior ao momento de enunciação, pode mesmo referir-se a ações que ainda não se verificaram. Atentemos na explicação de Casanova (2009: 299):

Acabou a conversa! Não se fala mais no assunto!

[...] observe-se que a acção pretendida ainda não se realizou; esta FRASE apresenta valor DIRECTIVO, aproximando-se de um valor IMPERATIVO, embora o VERBO esteja NO MODO INDICATIVO e no tempo passado: está-se a querer que a conversa acabe (situação que ainda não se verificou) e pretende-se não falar mais no assunto (facto que também ainda não se verificou, mas que se pretende que se verifique).

Casanova demonstra, assim, que apesar de a situação apresentada não estar ainda concluída, isto é, ser ainda não factiva, os tempos verbais utilizados foram o Pretérito Perfeito e o Presente do Indicativo. Este exemplo vem reforçar o que anteriormente salientámos: que o tempo real e o tempo gramatical muitas vezes não coincidem.

Assim, uma ação localiza-se temporalmente em relação a outro tempo, sendo o da enunciação ou um outro, manifestado de diversas formas na frase ou sequência de frases, através de certas construções temporais ou através de advérbios ou expressões adverbiais de tempo. Também em português, à semelhança do inglês e de outras línguas, os tempos gramaticais podem ser portadores de informação aspetual. Enquanto a categoria Tempo pode ser entendida como uma ordenação linear orientada ao longo da linha do tempo, contendo unidades temporais instantâneas ou prolongadas em momentos sucessivos ou em simultaneidade, a categoria Aspeto permite observar a estrutura interna de determinada ação fornecendo informação sobre a forma como esta é perspectivada ou focalizada. No entanto, a localização temporal é relativa e nessa medida, há três momentos essenciais (Fátima Oliveira, 2003: 131): o ponto de fala (F) que coincide com o momento da enunciação, o ponto do evento (E), que diz respeito ao tempo em que ocorreu a situação descrita pela frase, e o ponto de referência (R) que serve como ponto intermédio a partir do qual se pode situar o evento ou estado. O diagrama da Fig.2 aplica-se da mesma forma em português.

Sabendo que o inglês, tal como o português, é uma língua que se organiza formalmente em torno da perspectiva temporal, podemos, no entanto, após esta breve abordagem à discrepância entre tempo real e tempo gramatical, apresentar as seguintes conclusões:

- o tempo real e o tempo gramatical não são, na maior parte dos casos, coincidentes;
- a base da organização temporal do ponto deíctico da enunciação é o momento de fala, como ponto de referência;
- a realidade temporal que situa o acontecimento na linha do tempo não é apenas identificada pelo tempo gramatical;
- o inglês, tal como o português, dispõe de recursos de expressão de temporalidade para além do verbo;
- os tempos gramaticais referentes ao presente e ao passado têm, em ambas as línguas, significados tão vastos que ultrapassam o momento da enunciação ou o momento anterior ao momento da enunciação;

- o verbo inglês, quer de um ponto de vista formal, quer de um ponto de vista semântico, apresenta uma divisão bipartida (*past* e *non-past*); sendo que em português se aplica a gramática tradicional com o conceito tripartido (presente, passado e futuro).

Tendo em conta que a categoria aspeto é vital para nos fornecer toda a informação relativa à duração ou perfeitividade da situação descrita pelo verbo, temos como objetivo mostrar que o tempo gramatical *Past Simple* e o tempo aspetual *Present Perfect* são ambos tempos perfeitivos.

Em português surge uma dificuldade acrescida pelo facto de as gramáticas considerarem o Pretérito Perfeito Simples tal como o Pretérito Imperfeito como tempos gramaticais e não formas diferentes de referência aspetual.

Em inglês americano (AmE), é mais usada a forma gramatical de *Past Simple*, enquanto em inglês britânico (BrE) a escolha recai sobre a forma aspetual de *Present Perfect*. A forma americana “Did you eat?” e a forma britânica “Have you eaten?” são ilustrativas dessa diferença. Quirk (1985: 194) afirma: “In AmE, the simple past is often preferred to the present perfective for the variants of the indefinite past [...], por exemplo, Did the children come home yet? I just came back. You told me already.”

Há, portanto, uma maior tendência por parte dos americanos em usar o *Past Simple* onde os britânicos usariam o *Present Perfect* e essa tendência ocorre principalmente em situações em que tanto o *Past Simple* como o *Present Perfect* poderão indicar um tempo não específico no passado; outra situação é a utilização de expressões adverbiais que no inglês britânico só ocorrem com o *Present Perfect*, como *yet*, *ever*, *recently* e *just*. É nestas duas áreas que se dá a substituição de uma forma pela outra no inglês americano, como indicam os exemplos seguintes e alguns dos acima apresentados:

I already ate. (AmE)

I've already eaten (BrE)

Did you do your homework? (AmE)

Have you done your homework? (BrE)

Recently I met Mary. (AmE)

I have met Mary recently. (BrE)

I just got back from Brazil. (AmE)

I've just got back from Brazil. (BrE)

I just told you. (AmE)

I've just told you. (BrE)

He is not the nicest person that ever lived. (AmE)

He is not the nicest person that has ever lived. (BrE)

Quirk (1985: 19) acrescenta, ainda, que o inglês americano poderá optar pelo *Past Simple* e não pelo *Present Perfect* numa situação informal como por exemplo em “Sue just finished her homework.” Situação em que o inglês britânico diria “Sue’s just finished her homework.”

Neste momento, há linguistas que apontam para um declínio no uso do *Present Perfect*, enquanto outros apontam em direção inversa, realçando o facto de, inclusive em AmE, estar a ser mais utilizado. Há ainda os que defendem que a sua utilização sofreu algumas alterações e que está a ser utilizado com adverbiais temporais que claramente indicam um tempo passado: “And Robert has played for us last season (implying that he did so without any kind of break). (Hughes et al. 2005:12f.)¹” Hughes admite que possa ser uma variação ao inglês falado e não escrito, apesar de já se encontrar em alguns textos escritos:

...the contrasting random, uncoordinated resignations last week of chairman Lord Sainsbury as well as Jeffrey Tate as principal conductor *have added* fuel to the fire of those who claim that the Royal Opera’s artistic direction is unsure and its structure diffuse. (FLOB A26)²

(1) in *ICAME Journal* No. 33, “The present perfect in British and American English: Has there been any change, recently?”, Marianne Hundt, University of Zurich and Nicholas Smith, University of Salford, p.46

(2) idem, p.55

1.1.The Past Simple Tense / The Present Perfect

O *Present Perfect* é uma forma aspetual que devemos usar quando queremos simplesmente relatar um facto ocorrido, isto é, uma determinada ação ou situação, e não o momento em ocorreu.

Não obstante, tanto gramáticos como linguistas atribuem ao *Perfect* várias significados, que ao longo do trabalho procuraremos refutar, utilizando os seus próprios exemplos como exemplos dúbios, e clarificando a definição por nós apresentada acima.

Encontramos pontos comuns entre eles, assim, temos formas diferentes de usar o *Perfect*:

- . Eventos passados com relevância no presente
- . Evento (s) indefinido (s) no passado num período que se estende até ao presente
- . Hábitos / estados que nos ligam ao presente

Quirk *et alii* 1985:189) consideram que:

The overlap of meaning between tense and aspect is most problematic in English in the choice that has to be made between simple past and present perfective:

Simple past: John *lived* in Paris for ten years.

Present perfective: John *has lived* in Paris for ten years.

Quirk *et alii* referem que, não obstante remeterem ambos para um tempo anterior ao momento presente, o *Past Simple* indica que o período de residência chegou ao fim, enquanto o *Present Perfect* indica que a situação se poderá manter ou poderá mesmo continuar no futuro. Daí, segundo os autores, a definição de tempo passado com relevância

no presente. Quirk *et alii* decidem explicar o conceito de ‘*current relevance*’ para melhor defenderem o seu ponto de vista. Dizem:

In its broadest possible interpretation, the perfective indicates ANTERIOR TIME; ie time preceding whatever time orientation is signaled by tense or by other elements of the sentence or its context [...]:

I have already met your sister.

The flight was cancelled after we had paid for the tickets.

If you had listened to me, you would have avoided mistakes.

A sobreposição de significado temporal entre o *Past Simple* e o *Present Perfective* é claramente vista nos exemplos seguintes:

It is possible that I left the keys at the office (last night).

It is possible that I have left the keys at the office.

Assim sendo, tanto o *Present Perfective* como o *Past Simple* partilham o mesmo conceito de passado. O que significa que *past with current relevance* não é uma definição adequada ao significado do aspeto perfeito. Consideramos algo complexo e confuso que Quirk *et alii* (1985: 192) defendam dois critérios diferentes simultaneamente. Ou o *Present Perfect* e o *Past Simple* partilham o mesmo ‘território’ passado, ou o *Present Perfect* remete as situações passadas para o presente. Imaginemo-nos a apresentar esta situação numa sala de aula com os conceitos e definições de Quirk *et alii*:

Where did you put my purse?

Where have you put my purse?

Será possível encontrar alguma diferença entre as duas frases? São ambas passadas, alguém não sabe onde deixou a bolsa. Quirk *et alii* explicam que, no primeiro caso, o falante parece querer que o seu interlocutor recorde a ação passada, enquanto na segunda situação o falante parece concentrar-se na localização da bolsa.

Poderemos, então, concluir que o *Present Perfect* representa uma ação perfeitiva sempre que não se fizer acompanhar de sintagmas adverbiais durativos de fronteira direita aberta:

The apples have all been eaten.

My mother has recovered from her illness.

Have any of the visitors arrived?

O inglês americano usa de preferência o *Past Tense* ao *Present Perfect*, especialmente em situações não definidas no tempo, como por exemplo:

Did you ever go to Florence?

Have you ever been to Florence? (BrE)

De salientar que, neste exemplo em particular e nos que se seguirão, o *Present Perfect* se encontra acompanhado de um adverbial, o que vai alterar todo o significado da frase.

Quirk *et alii* (1985: 193) mantém a ideia de *current relevance* e referem ainda que:

In reference to a single event in the past [...], the present perfective, particularly in BrE, is associated with three implications or connotations, each of which may or may not be applicable in a given instance. These implications are (i) that the relevant time zone leads up to the present; (ii) that the event is recent; and (iii) that the result of the action still obtains at the present time. [...] The point to be made here is that the choice between the present perfective and the simple past is often determined by whether the speaker has in mind *an implicit time zone* which has not yet finished:

Have you seen the Javanese Art Exhibition? [yet]

Did you see the Javanese Art Exhibition? [when it was here]

Justificam dizendo que no primeiro caso a exposição ainda está aberta ao público e que no segundo caso já está encerrada. E assim concluem que o *Present Perfect* implica um período ainda existente no momento presente: o que leva à assunção de que também a situação ou a ação poderá ser recente:

Have you heard the news? The President has resigned. (BrE)

Did you hear the news? The President has resigned. (AmE)

No caso do exemplo seguinte, o período de referência temporal será de um dia:

Has the postman left any letters?

O *Present Perfect* toma, portanto, um carácter diferente quando acompanhado de adverbiais durativos de fronteira direita aberta ou adverbiais que impliquem que a ação se verificou próxima do momento presente:

The plane has **just** landed.

Have the children come home **yet**?

I haven't seen her **since** I met you.

Alguns dos seguintes adverbiais poderão ser usados quer com o *Past Simple* quer com o *Present Perfect*, sendo que a sua utilização e respetivo significado final não é consensual, como é o caso em *this morning* por exemplo. Poderemos, então, dizer:

I saw her today / this month / this year / recently / before / this June / once / already.

I've seen her today / this month / this year / recently / before / this June / once / already.

Greenbaum (1996: 81) considera ser o aspeto uma categoria gramatical que se refere à forma como o tempo é visto pelo falante. Diz que em inglês há duas classes aspectuais, *perfect* e *progressive*. O *Perfect* forma-se com o presente do verbo auxiliar *have* ('ve), *has* ('s) e o verbo principal no particípio *-ed* (também chamado de *past participle* ou de *perfect participle*):

Has called (he's called)

Have called (I've called)

Greenbaum acrescenta que uma das formas mais frequentes de usar o *Present Perfect* é no sentido em que refere uma situação que começou no passado, antes do momento da enunciação, portanto, e se estende até ao presente, até esse momento, provavelmente englobando-o. Greenbaum esquece de referir, tal como o exemplo por si apresentado

ilustra, que a utilização de adverbiais ou expressões adverbiais altera o sentido da frase e lhe confere esse sentido de continuidade, de se estender no tempo:

They are gathered in a building which [...] stands on a site where there has been worship for perhaps fifteen hundred years [...]

Segundo o gramático, refere, portanto, uma situação passada vista da perspectiva de um momento presente (1996: 270 – 72):

And how long have you had a full licence [...]

The last few days haven't been quite so hot and on Friday night it actually rained [...]

Eight of them have remained parked at the side of the runway all week [...]

Estonia has until now been the calmest of the three Baltic republics [...]

I miss you! It has only been a week and I feel lonesome without you [...]

Today has been slightly less of a nightmare though not much [...]

The food has been interesting so far [...]

These are major reasons why the cost of space transportation has remained extremely high [...]

I have never felt at home since Flora told me she had heard us discussing her [...]

Todos os exemplos incluem expressões que proporcionam esse alargar no tempo até ao presente.

Greenbaum continua afirmando que, qualquer que seja a situação, se associada ao *Present Perfect* refere sempre ações passadas com relevância no presente. Situações que se prendem com a difusão de notícias ou reportagens jornalísticas, por exemplo:

The Democrats *have gained* a handful of additional seats in the House of Representatives where they already hold a big majority [...]

A man who killed his girlfriend more than twenty years ago *has finally confessed* after his wife complained of a foul smell coming from a cupboard in their home, Japanese police said yesterday [...]

pode ainda ser considerado relevante por ser visto como atual no presente:

It means that somehow or other religion in the modern world *has been marginalised* and that other agencies *have taken over* not only the bodies but the souls of human beings [...]

In this age of microchip all sorts of gadgets *have been invented*, [...]

She *has written* several books, some of which *have recently been translated* into English [...]

A: Have you seen *The Silence of the Lambs* < , , >

B: Yes It's only just come out in the cinema [...]

Poderemos dizer que existe um denominador comum entre as frases? Que se assemelham de algum modo? Sim, há expressões em todas as frases que as tornam relevantes no presente e as englobam no presente, tais como *in this modern world, in this age of the microchip, recently, it's just...* .

No entanto, explica Greenbaum, nem os adverbiais nem as expressões adverbiais podem referir um tempo específico no passado, prerrogativa do *Past Simple*, como exemplifica a frase “I worked in New York in 1999”. Só o *Past Simple* permite essa localização exata no tempo.

De referir também que o *Present Perfect* tem outras aplicações que não desenvolvemos por não serem relevantes para o nosso trabalho.

Concluindo, pretendemos mostrar que linguistas e gramáticos possam ter visto apenas parte do puzzle de tão absortos que estavam na sua investigação. Consideramos também que, como estudiosos da própria língua, provavelmente, não perceberam que estavam continuamente a insistir em afirmações suportadas por exemplos nem claros nem objetivos. Como professora de inglês como língua estrangeira, tenho dificuldade em ajudar os alunos a compreenderem que, sem o recurso a adverbiais, o *Present Perfect* refere uma situação que existe no presente sendo ela passada. Ou, como explicar a questão da relevância no presente? É claro que tem de ser relevante no presente; tudo o que estudamos é relevante no presente; se estamos interessados no facto é porque é importante e relevante

no presente, ou então tem de ser temporalmente ou historicamente definido e delimitado, caso em que se emprega o *Past Simple*. Lewis (1986: 78) também se debruça sobre a questão da relevância considerando-a difícil de explicar aos alunos.

Capítulo 2

O Aspeto Verbal

[...] a verb form involving the use of an auxiliary which allows the speaker *to interpret the temporal elements of an event.*

Lewis (1986: 51)

Ao estudarmos o tempo gramatical, é inevitável estudarmos também o aspeto verbal. O aspeto é fundamentalmente encarado como consequência de situações temporais. No entanto, uma vez que o aspeto exprime o modo de ser da ação, isto é, a sua estrutura interna, é este modo de ser interno que constitui a perspectiva que contrapõe o aspeto ao tempo, categoria que exprime a localização externa de um estado de coisas, sem atender à forma como se desenvolve a situação. A caracterização aspetual tem vindo a ser subestimada devido à excessiva importância atribuída ao tempo gramatical, sendo que o tempo gramatical é apenas um dos recursos através do qual o aspeto verbal se manifesta. O aspeto pode manifestar-se através de outros recursos, como por exemplo, recursos lexicais. Assim, alguns dos recursos lexicais de expressão aspetual serão a semântica do predicador, os recursos derivacionais de criação de novos predicadores, de entre outros. A distinção entre estes dois sistemas, o sistema lexical e o sistema gramatical de expressão aspetual (tempo gramatical), é geralmente expressa pela distinção entre aspeto e *Aktionsart*, ficando o aspeto restrito aos recursos gramaticais, enquanto *Aktionsart* referirá as características lexicais que exprimem o modo de ser interno da situação descrita. Assim, consideramos que o conceito de aspeto não deverá ficar limitado à expressão gramatical do verbo, mas estender-se a toda a frase.

Observemos as seguintes frases:

- (1) a. Mary has already read that book.
- b. A Mary já leu aquele livro.

(2) a. Mary was reading a book when I arrived.

b. A Mary estava a ler um livro quando eu cheguei.

Ambas as situações são passadas, isto é, anteriores ao momento da enunciação, mas o seu valor aspetual é distinto. Em (1) a leitura do livro está acabada, aspeto perfeito (télico) e em (2) nada nos diz que a leitura do livro tenha sido concluída, aspeto imperfeito (atélico).

Diz Casanova (1996: 117)

A importância que se tem atribuído ao tempo verbal tem vindo a subestimar a caracterização aspetual, votando ao esquecimento a própria natureza do verbo que, independentemente de qualquer flexão, desempenha papel de relevo na expressão aspetual.

Exemplo disso é o facto de a maior parte das gramáticas tradicionais não distinguirem entre aspeto e tempo, incluindo as gramáticas com fins pedagógicos que apresentam os valores aspetuais e modais sem lhes conferirem um valor independente do tempo.

O aspeto surge como uma opção obrigatória por parte do falante, na natureza semântica do predicador, em alguns adverbiais temporais e na combinação destes com a natureza aspetual do predicador. A própria flexão verbal e muitos auxiliares verbais, bem como os elementos nominais, são alguns dos recursos mais frequentes.

A língua inglesa marca expressamente o aspeto verbal através do recurso a auxiliares verbais, formas independentes, não identificando o aspeto com o tempo, como é o caso no que se refere à forma progressiva (BE+ -ing) e ao Perfect (HAVE+ -en). No entanto, ainda encontramos referências a formas aspetuais tratadas como se fossem temporais. Swan e Walter (1997: 142), por exemplo, referem-se ao *Simple Present* e ao *Present Progressive* como “The Two Present Tenses”, sendo que também há gramáticas que consideram o *Present Perfect* como *Tense* como se de uma identificação temporal se tratasse.

Swan e Walter marcam a diferença entre as duas formas verbais de presente com as seguintes definições:

Repeated actions not only around the moment of speaking: **simple present**.

No thanks. I **don't smoke**.

Repeated actions around the moment of speaking: **present progressive**.

Look – Ann's **smoking** a cigar.

Moreira *et alii* (2007: 21), por outro lado, consideram o *Present Perfect*, não só como *The Present Perfect Tense*, mas também como uma forma de presente, juntamente com o presente simples e o presente progressivo.

Não obstante todas as teorias e justificações, não devemos limitar a noção de aspeto à expressão gramatical do verbo como já referimos, a informação aspetual deverá estender-se a toda a frase, podendo ser expressa não apenas através de recursos gramaticais como de recursos lexicais também. Deste modo consideraremos o aspeto como uma categoria que incide sobre toda a frase.

2.1 Valores aspetuais

2.1.1. Durativo e não durativo

As frases são aspetualmente diferentes consoante se reportem a uma situação durativa, que se estende ao longo do tempo, ou a uma situação não durativa ou pontual, que descreve situações que têm ou tiveram lugar num ponto na linha do tempo. Tanto o valor aspetual durativo (3) como o valor aspetual não durativo (4) podem ser expressos ou reforçados adverbialmente:

(3) a. Mary danced all night long.

b. A Mary dançou toda a noite.

(4) a. Mary arrived at midnight.

b. A Mary chegou à meia-noite.

As situações não durativas, sendo desprovidas de estrutura interna (sneeze; whenever) devido ao seu caráter pontual, não podem apresentar valor aspetual imperfetivo a não ser que apresentem valor iterativo como em “Mary was having a bad cold, so she coughed and caughed... and caughed....”

Os verbos *walk* ou *cough* são aspetualmente diferentes, isto é, *walk* descreve situações eminentemente durativas e *cough* descreve uma situação pontual.

As frases (5) e (6) são exemplos. Comparemos:

- (5) a. She walked for an hour.
b. Ela andou durante uma hora.
- (6) a. Mr. Smith coughed.
b. O Sr. Smith tossiu.

Também as frases (6) e (7) se opõem aspetualmente:

- (6) a. Mary loved John all her life.
b. A Maria amou o João durante toda a vida.
- (7) a. She fell in love with John as soon as she saw him.
b. Ela apaixonou-se pelo João assim que o viu.

Há um momento em que alguém se apaixonou (7) e há um espaço de tempo em que se ama (6). É à natureza aspetual do predicador que se deve a diferença entre as frases.

Predicadores durativos como *walk* e *love* estabelecem relações sintagmáticas com adverbiais durativos como *for an hour* e *all her life*. Por seu lado, predicadores não durativos como *coughed* e *fell in love* estabelecem relações sintagmáticas com expressões pontuais como *as soon as*. As frases seguintes:

-
- (8) a. Mary walked by the river.
b. A Maria andou ao longo do rio.
- (9) a. The kitten was chasing its tail when I arrived.
b. O gato caçava a cauda quando eu cheguei.

As frases descritas acima são ambas anteriores ao momento da enunciação, passadas, portanto, e são também durativas, sendo que “Mary walked by the river” é observada do exterior, enquanto a frase “The kitten was chasing its tail when I arrived” descreve uma situação observada a partir de um ponto do interior da ação.

Assim sendo, as situações que são vistas do seu interior são sempre durativas (*all night* / durante toda a noite), isto é, ocupam um determinado espaço de tempo em que algo pode suceder. Por seu lado, as situações pontuais (*when I arrived* / quando eu cheguei) podem ou não coincidir com o momento da enunciação, mas não com um espaço de tempo. É a conjugação do verbo em causa que marca o aspeto e não a natureza do predicador.

A relação aspetual que se estabelece entre predicadores durativos e adverbiais durativos e entre predicadores não durativos e adverbiais não durativos ou pontuais é uma relação aspetual harmoniosa, mas que não se limita à relação entre predicador e adverbial como acima observado.

São também observáveis situações em que predicadores pontuais são compatíveis com adverbiais durativos e predicadores durativos com adverbiais pontuais. Observemos os seguintes exemplos:

(10) a. Today, the Prime Minister will speak about the economic situation of the country at 8 o'clock News.

b. Hoje, o Primeiro Ministro discursa sobre a situação económica do País nas notícias das 8.

(11) a. The test is tomorrow at 10.

b. O teste é amanhã às dez.

Estamos perante situações que, apesar de aparentemente em conflito pelo facto de um discurso, tal como um teste, não poder desenrolar-se no momento, são situações que se estendem na linha do tempo. As situações são possíveis por ser o aspeto do adverbial a dominar o aspeto do verbo. As frases indicam, devido à utilização de adverbiais não durativos, o momento inicial da ação, as notícias das oito marcam a hora em que o

primeiro ministro inicia o seu discurso e as dez horas marcam a hora em que o teste começa. Quer isto dizer que, como *começar* é um predicador pontual, este se encontra em harmonia aspetual com o adverbial também ele pontual.

Observemos agora uma situação em que um predicador não durativo se associa a um adverbial durativo. Mais uma vez o aspeto do adverbial se vai sobrepor ao aspeto do verbo.

(12) a. Mary coughed for an hour.

b. A Mary tossiu durante uma hora.

(13) a. Mary kicked the ball all day.

b. A Mary pontapeou a bola todo o dia.

O valor temporal é o mesmo, ambas as frases respeitam a situações passadas. Quanto ao aspeto, *cough* e *kick* são predicadores pontuais ou não durativos. Verificamos, mais uma vez, que sempre que é quebrada a harmonia aspetual é o valor aspetual do adverbial que vai determinar a natureza durativa ou não durativa do predicador. O valor durativo do adverbial conduz a uma situação que se dilata no tempo pela repetição de acontecimentos pontuais e não pela duração dos mesmos. Assim, reforçamos a ideia de que o aspeto não é categoria específica do verbo (nem é ele que domina), mas de toda a frase, tomando expressão através de recursos gramaticais ou lexicais.

Atentemos agora nos exemplos que se seguem e no papel decisivo que algumas formas nominais podem desempenhar:

(14) a. The teacher turned the light on when she entered the classroom.

b. A professora acendeu a luz ao entrar na sala de aula.

(15) a. The student entered the classroom.

b. O aluno entrou na sala de aula.

Como podemos observar, *turn the light on* e *enter* são predicadores pontuais que ocorrem num momento específico.

Se porventura a situação fosse como se segue:

(16) a. The teacher took a few minutes to turn on all the lights.

b. A professora demorou alguns minutos a acender todas as luzes.

(17) a. The students took a while to enter the classroom.

b. Os alunos demoraram algum tempo a entrar na sala de aula.

O predicador temporal *turn the light on* ou *enter the classroom* indica o atingir de um objetivo. Estas situações designam-se por eventos e implicam uma mudança de estado, em (14) a luz passou a estar acesa e em (15) os alunos passaram a estar dentro da sala de aula. Em (16) e (17) estaríamos na presença de eventos prolongados, uma vez que decorreram alguns minutos até que o objetivo se concretizasse.

2.1.2 Perfeito e imperfeito

A distinção aspetual mais frequente é entre o aspeto perfeito e o imperfeito, que marcam ações como completas ou incompletas. Assim, as situações podem ser observadas como um todo já realizado, embora não necessariamente acabado (apenas os eventos se acabam), aspeto perfeito, ou ainda não realizado, aspeto imperfeito. O aspeto perfeito descreve do exterior a situação expressa pelo predicador como um todo; o aspeto imperfeito observa e descreve do seu interior essa situação. A diferença entre estas duas perspetivas é de carácter aspetual e não temporal. Isto é, o aspeto imperfeito não respeita apenas a situações presentes ou futuras pelo facto de descrever situações não concluídas. Quantas vezes nos referimos a situações ainda não ocorridas como sendo passadas, por exemplo, a frase “This time next year I will have finished my masters.” Assim, o aspeto perfeito e imperfeito diferem pela maneira como perspetivam a situação. Diz Comrie (1976: 4):

The difference between perfectivity and imperfectivity is not necessarily an objective difference between situations, nor is it necessarily a difference that is presented by the

speaker as being objective. It is quite possible for the same speaker to refer to the same situation once with a perfective form, then with an imperfective, without in any way being self - contradictory.

As frases “I met Mary a month ago” e “I haven’t met Mary for a month.” têm o mesmo significado embora possam ser escolhidas pelo falante consoante sejam encaradas como concluídas ou incompletas, perspectivadas a partir do momento da enunciação ou perspectivada a partir do seu interior.

Poderemos, assim, afirmar que o aspeto perfeito e imperfeito não referem duas situações diferentes, mas sim duas perspectivas diferentes de encarar uma situação. É possível alguém apresentar uma mesma situação como perfeita e como imperfeita sem se contradizer. Atentemos nos seguintes exemplos:

(18) a. Mary cooked dinner yesterday.

A Mary ontem fez o jantar.

b. While Mary was cooking dinner yesterday, the baby was crying.

Enquanto a Mary ontem fazia o jantar, o bebé chorava.

A situação (a.) apresenta aspeto perfeito, pois, refere apenas um facto na sua totalidade e completamente passado, enquanto a situação (b.) perspectiva a situação encarada do seu interior, descrevendo uma situação já passada como estando em curso em dado momento, por isso os professores de português ensinam que o imperfeito descreve um presente no passado. O aspeto perfeito indica, pois, uma situação já realizada, embora a tónica não resida na sua conclusão. A conclusão da mesma será indicada pelo aspeto conclusivo, como exemplificam a frases:

(19) a. Mary did her homework.

b. A Mary fez o trabalho de casa.

Assim como o aspeto perfeito se pode associar ao aspeto conclusivo, marcando simultaneamente a realização e a conclusão de uma situação, o aspeto perfeito também se pode associar ao aspeto inceptivo, marcando o limite inicial de uma situação passada a

cujas fases de desenvolvimento não pretendemos atender. Esta associação verifica-se com uma classe aspetual de predicadores indicativos de um estado, isto é, durativos não dinâmicos.

(20) a. I've just heard you had got married.

b. Acabei de saber que te havias casado.

A situação passada com valor aspetual perfeito pode também apresentar um carácter iterativo, como ilustram as frases:

(21) a. Mary played chess very often when she was in college.

b. A Mary jogou xadrez muitas vezes quando estava na faculdade.

O aspeto perfeito pode também associar-se ao aspeto habitual através do *Past Simple*, indicando, assim, um hábito passado.

(22) a. Mary worked from nine to five every day.

b. A Mary trabalhava das nove às cinco todos os dias.

Apresentamos agora, resumidamente, algumas das formas de exprimir o aspeto perfeito. Assim, este pode ser expresso, quer em inglês, quer em português, pelo tempo gramatical *Past Simple* e Pretérito Perfeito Simples, respetivamente:

(23) a. Mary wrote another novel.

b. A Mary escreveu outro romance.

Pode também ser expresso pelo *Present* ou *Past Perfect* com o auxiliar aspetual *have*:

(24) a. Mary has written another novel.

(25) a. Mary had written another novel.

Contrariamente à forma inglesa *Present Perfect*, o Pretérito Perfeito Composto, apresenta valor aspetual imperfetivo, isto é, a situação por este descrita não é dada como perfetiva.

Por seu lado, o *Past Perfect* e o Pretérito Mais-que-Perfeito indicam uma situação completamente concluída ou realizada no passado:

(26) a. Mary had called me when Peter arrived.

b. A Mary tinha-me telefonado quando o Peter chegou.

No que concerne ao aspeto imperfetivo, este é expresso em inglês pelo *Present Simple*, pelo *Present e Past Continuous* e ainda pelo *Present Perfect* quando associado a sintagmas adverbiais temporais durativos de fronteira direita aberta, enquanto em português, o aspeto imperfetivo pode ser expresso pelo Presente ou Pretérito Imperfeito do Indicativo e ainda pelo Pretérito Perfeito Composto. Atentemos nos exemplos:

(27) a. Mary loves her job.

b. A Mary gosta da sua profissão.

(28) a. Mary is / was reading a book.

b. A Mary lia um livro.

(29) a. Mary has been very ill since last week.

b. A Mary tem estado muito doente.

Devemos salientar que, em português, o Pretérito Perfeito Composto indica aspeto imperfetivo, dispensando o sintagma adverbial. Por oposição ao *Present Perfect* que, sem a presença do sintagma adverbial, apresenta aspeto perfetivo.

2.2 Classes aspectuais

2.2.1. Eventos, processos e estados Télico e atélico

Os eventos são situações instantâneas, (evento instantâneo) não durativas que não aceitam modificadores que impliquem qualquer duração e implicam a concretização de algo. *Turn the light on, enter, knock* são eventos instantâneos, isto é, são predicadores cujo significado implica um valor aspetual não durativo em que um objetivo se atinge. A importância do evento não reside no seu carácter especificamente pontual, mas na perspectiva exterior de concretização de um objetivo, isto é, o que é realmente importante no evento é a mudança, a realização de um ato cuja duração, caso exista, não está em causa; interessa apenas o facto alcançado. Devemos referir que, embora não durativos, os eventos podem, por vezes, adquirir uma certa espessura temporal (eventos prolongados). As frases (30) e (31) tratam de eventos prolongados, que implicam alguma espessura temporal. Se nada pode ocorrer enquanto se acende a luz, pois o ato é desprovido de espessura interna, algo pode ocorrer enquanto se toma o chá, uma vez que está aqui em causa um evento com alguma espessura temporal:

(30) a. Mary wrote a letter.

b. A Mary escreveu uma carta.

(31) a. John drank his tea.

b. O John tomou o seu chá.

Os predicadores não durativos são sempre dinâmicos, logo, os eventos são também eles dinâmicos, isto é, requerem energia e pressupõem o fazer de alguma coisa. Visam uma alteração de um estado de coisas, a passagem de uma situação a outra e são télicos, embora essa mesma alteração possa ser ou não controlada pelo sujeito.

Por seu lado, os predicadores durativos poderão ter ou não carácter dinâmico. Sendo dinâmicos, isto é, conduzindo a um objetivo final, estamos perante um processo. Deste modo, poderemos considerar os processos como sendo durativos e dinâmicos. Durativos porque se desenrolam num intervalo de tempo podendo ser acompanhados de adverbiais durativos: *all day, for an hour*. Dinâmicos porque visam o fazer de algo, embora não implique qualquer alteração, não pretende alcançar objetivos, são, portanto, atéllicos.

Assim, falar será um processo, mas fazer um discurso um evento, tal como cantar será um processo, cantar uma sonata um evento, comer sopa um processo, mas comer a sopa um evento. De salientar a importância do artigo sobre a classe do predicador indicando não ser o aspeto uma característica exclusiva do verbo, como temos vindo a referir.

Quando os predicadores durativos não implicam qualquer energia ou força motriz, não dão origem ao fazer de qualquer coisa (atélico), falamos de estados. O estado só é alterado se algo acontecer que a isso o conduza, como por exemplo, em *live in Lisbon*, o predicador estativo apresenta uma situação durativa, mas não dinâmica. Nada será preciso alterar ou fazer para continuarmos a viver em Lisboa.

Os estados podem ser delimitados por eventos, o que também se verifica com os processos. Observemos a frase “The Prime Minister spoke for an hour”, sabemos que terá de existir um evento que marcará o momento em que inicia o discurso e um outro em que o finalize. *Speak* será um predicador de processo, enquanto *start speaking* e *stop speaking* serão predicadores de evento. Estes momentos são expressos por predicadores de evento e poder-se-iam representar da seguinte forma: (início) / _____ / (fim)

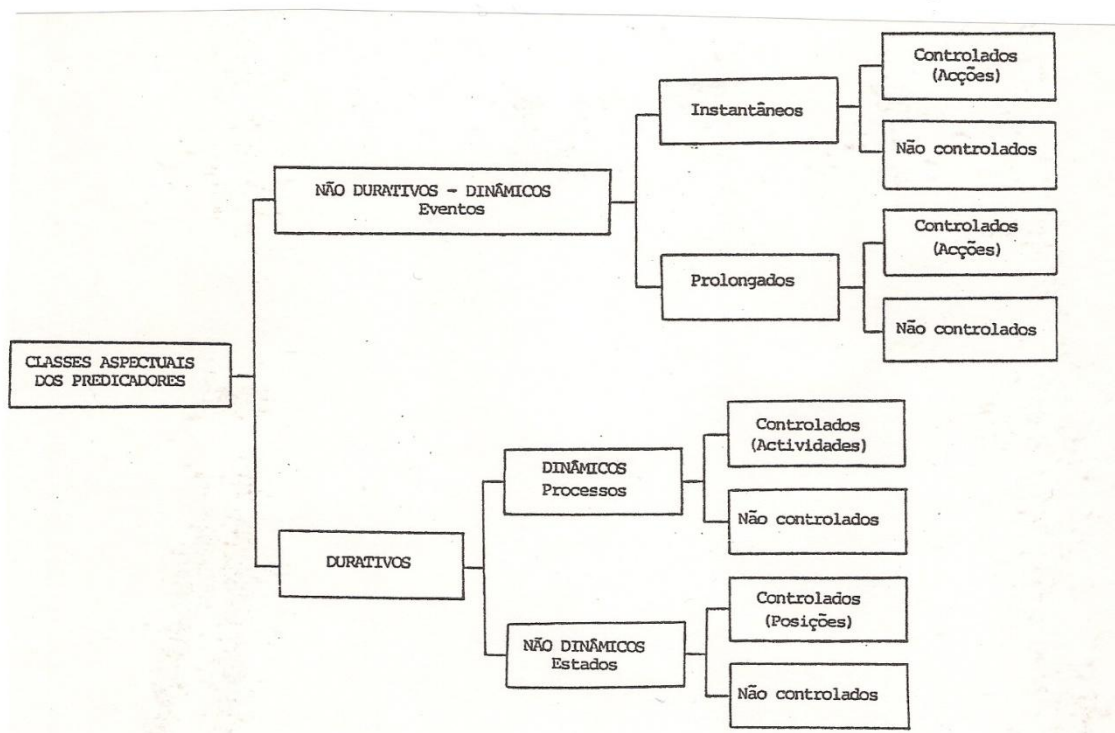
Os estados podem ser delimitados por eventos, podem ter início e fim. A frase “I live in Lisbon” / Eu moro em Lisboa poderia ser assim representada: (ir morar em Lisboa) / _____ / (ir morar para Sintra). Mas os estados podem não ter princípio nem fim. Frases como “The Earth is round” / A Terra é redonda poderiam ser representadas por uma simples linha: _____

Um fator determinante a ter em conta na ocorrência ou não de uma determinada situação diz respeito às características dos participantes envolvidos. Assim, quando detêm o controlo do estado de coisas, falamos de estados, eventos e processos controlados, a que

alguns estudiosos também chamam de posições, ações e atividades, respetivamente. As frases “Mary wrote a letter” e “The Prime Minister spoke for an hour”, por exemplo, apresentam entidades (*Mary* e *The Prime Minister*) controladoras dos predicadores.

Os predicadores podem, como vimos, ser durativos (estados e processos) e / ou não durativos – eventos (instantâneos e prolongados).

Reproduzimos de seguida a taxonomia de predicadores, tripartida em eventos, estados e processos apresentada por Casanova (1985: 52) e que orientou a nossa pesquisa:



As situações durativas podem ser descritas como estando em curso – aspeto cursivo:

- (32) a. The students are doing the test.
- b. Os alunos estão a fazer o teste.

Podem também apresentar - aspeto permansivo, associadas a predicadores durativos implicando espessura temporal em que tudo se mantém igual em cada momento:

(33) a. Mary was sleeping for hours.

b. A Mary continuou a dormir.

Podem ser atemporais – aspeto gnómico, associado às verdades eternas, sem localização temporal. As frases (32) e (33) assim como os provérbios (34) são exemplificativos:

(34) a. Mosteiro dos Jerónimos is in Lisbon.

b. O Mosteiro dos Jerónimos fica em Lisboa.

(35) a. The Sun rises in the East.

b. O Sol nasce a Oriente.

(36) a. A bird in the hand is worth two in the Bush.

b. Mais vale um pássaro na mão que dois a voar.

As situações podem ainda ser durativas, não porque realmente durem, mas porque se repetem – aspeto iterativo:

(37) a. I often meet my mother at the hairdresser's.

b. Encontro a minha mãe muitas vezes no cabeleireiro.

Podem apresentar – aspeto habitual referindo-se a situações em que o falante quer especificar que as situações que descreve ocorrem mais do que uma vez. Diz Comrie (1976:27-8) “the habitual shows that the action described is ‘characteristic of an extended period of time’ ”:

(38) a. I usually have breakfast at 10 o'clock.

b. Tomo geralmente o pequeno-almoço às dez horas.

Embora possam parecer semelhantes, as situações habituais distinguem-se das iterativas, não pela sua natureza, mas pela frequência da sua ocorrência, quer dizer, a repetição pode ser tão frequente que se torna habitual. Por sua vez, as situações habituais também não se afastam muito das situações gnómicas. «Variantes atenuadas do tempo gnómico são as formas verbais que exprimem possibilidade permanente, alta probabilidade ou frequência, hábito de um dado processo: ‘os peixes nadam’, ‘nós bebemos leite’, ‘levantamo-nos às 7 horas’, por exemplo» (Lopes 1971, *in* Casanova 2006: 78). Frases que representam hábitos difíceis de distinguir das situações realmente atemporais devido à sua natureza permanente.

Situações não durativas podem marcar o início de uma situação durativa – aspeto inceptivo (marca o ponto inicial da situação):

- (39) a. He started to work at ten o'clock.
b. Ele começou a trabalhar às dez horas.

Podem também marcar o termo de uma situação durativa – aspeto conclusivo (marca o ponto final da situação):

- (40) a. The student finished his homework.
b. O aluno concluiu os trabalhos de casa.

Situações não durativas podem também indicar a interrupção de uma situação durativa – aspeto cessativo:

- (41) a. Mary stopped running.
b. A Mary parou de correr.

Situações não durativas podem também indicar uma mudança de estado – aspeto incoativo

- (42) a. Mary's baby was born yesterday.

b. O bebé da Mary nasceu ontem.

Quando algo ou alguém determina a passagem de um estado a outro pode apresentar – aspeto resultativo (ou causativo):

(43) a. The floods destroyed the crops.

b. As cheias destruíram as colheitas.

Assim, temos como valores aspetuais durativos:

- Cursivo / Permansivo / Gnómico / Iterativo / Habitual

Como valores aspetuais não durativos:

- Inceptivo / Conclusivo / Cessativo / Incoativo / Resultativo

O *Past Simple* e o Pretérito Perfeito Simples descrevem habitualmente situações únicas, isto é, que apenas se verificam uma vez:

(44) a. Mary visited me last week.

b. A Mary visitou-me a semana passada.

mas, também podem descrever situações múltiplas:

(45) a. Mary visited me several times last week.

b. A Mary visitou-me várias vezes a semana passada.

Situações múltiplas pressupõem sempre um intervalo de tempo durante o qual se repetem, apresentando assim um valor aspetual durativo, não porque durem, mas porque se repetem apresentando, desta forma, aspeto iterativo. Também o *Present Perfect* e o Pretérito Perfeito Composto podem apresentar este aspeto iterativo:

(46) a. Mary has been in Lisbon.

b. A Mary tem estado em Lisboa.

Este valor iterativo pode apresentar reforço adverbial:

(47) a. Mary has been in Lisbon several times.

b. A Mary tem estado várias vezes em Lisboa.

As situações iterativas podem também apresentar valor aspetual frequentativo sempre que a situação se repete tantas vezes que se pode considerar frequente, recorrendo a adverbiais de frequência como *often* (muitas vezes), *frequently* (frequentemente), por exemplo:

(48) a. Mary often works more than 8 hours a day.

b. A Mary trabalha muitas vezes mais de oito horas por dia.

Estas situações iterativas também podem repetir-se de tal modo que a sua repetição passa a constituir um hábito, apresentando aspeto habitual que é geralmente expresso pelo presente do indicativo ou ainda por alguns sintagmas adverbiais temporais tal como indicam as frases:

(49) a. Mary works until 7 o'clock every day.

b. A Mary trabalha até às 7 horas todos os dias.

2.3. Auxiliares aspetuais

Como atrás observado, o aspeto verbal pode ser expresso pela classe aspetual do predicador. No entanto, há processos gramaticais que podem constituir um fator de integração aspectual, como por exemplo, os auxiliares aspetuais, o tempo gramatical e os sintagmas adverbiais de tempo. (Casanova: 1996)

Os auxiliares aspetuais podem ser pontuais, quer dizer, podem descrever situações pontuais não durativas ou situações durativas. Os auxiliares pontuais estão por norma ligados a situações que implicam uma mudança de estado dando origem a predicadores de evento, podendo, no entanto, ocorrer com outros tipos de predicador, transformando-os, de qualquer forma, em eventos. Quer dizer, qualquer que seja a classe do predicador, a situação descrita pelos predicadores em que se encontram auxiliares pontuais é sempre um evento. Os auxiliares pontuais mais comuns são *start*, *finish*, *stop* e *give up*.

Os auxiliaries aspetuais durativos mais frequentes são: *be -ing*, *used to*, *go on*, *keep* e *have*. Regem obrigatoriamente a forma de particípio presente *-ing* do verbo principal com exceção de *used to* e *have*. *Used to* rege o infinitivo do verbo principal e *have* o particípio passado.

Have constitui um importante auxiliar aspetual, para além de também ocorrer como verbo lexical. É um auxiliar durativo que pode apresentar diversos valores aspetuais. Formado com *have* e o particípio passado do verbo principal, a presença do auxiliar *have* congrega toda a atenção no facto passado e não no momento em que esse facto aconteceu. Assim, o *Perfect* refere uma situação encarada como um facto realizado num passado indefinido e tem valor aspetual perfetivo. Não dá informação quanto à forma como se desenrola a situação, mas dá informação quanto à relação existente entre a situação descrita e a situação de referência. Os valores aspetuais dependem do tipo de predicador a que surge associado e da presença de sintagmas adverbiais temporais. Pode verificar-se com todos os tipos de predicador.

(50) a. Mary has lived in London.

(51) a. Mary has studied all night.

(52) a. Mary has cooked dinner.

(53) a. Mary has turned the light on.

O *Present Perfect*, tal como o *Past Simple*, descreve factos passados, referindo o *Present Perfect* uma situação passada cuja localização temporal não interessa ao falante. O interesse está sempre no facto ou situação descrita. Em (54) e (55) sabemos que as ações se verificaram, mas não sabemos quando:

(54) a. Mary has been in the USA.

(55) a. Mary has caught the flu.

Este desinteresse pelo momento da situação é determinante na escolha dos advérbios que ocorrem com o *Present Perfect*, tornando agramatical a utilização de advérbios temporais que designam o momento em que a situação ocorreu:

*(56) a. Mary has been in the USA yesterday.

*(57) a. Mary's caught the flu at eight o'clock.

Como acabamos de observar em (56) e (57), o interesse no facto e o desinteresse no tempo da situação provoca uma situação de incompatibilidade entre o *Perfect* e os advérbios localizadores. No entanto, será possível especificar o período de tempo em que a situação ocorreu, recorrendo apenas a advérbios temporalmente tão vagos que permitam uma ligação harmoniosa. Poderá ocorrer, então, com advérbios como *lately*, *this month*, *this morning*: “Mary has phoned this morning”, ou desde que a situação tenha decorrido num passado muito recente “Mary has **just** phoned me”. O advérbio terá de ser suficientemente genérico para não entrar em conflito com a ideia de que estou interessada no facto, é o facto que me interessa. Assim sendo, não poderá ocorrer com advérbios como *yesterday* ou *on Tuesday*.

Verificamos também que a localização temporal de uma determinada situação não tem de passar pelos advérbios temporais, pois pode ser especificada pelo contexto tal como na frase “I saw Mary when I was at the bar.”

Pode, no entanto, quando acompanhado de advérbios de frequência, apresentar valor aspetual iterativo. São característicos desta utilização do auxiliar *have* os sintagmas advérbios *ever*, *never*, *before*, *once*, *twice*, *often*, etc.

(58) a. Mary has once been in the USA.

(59) a. Mary has often caught the flu.

(60) a. Mary has taken her pills before.

Have pode ainda apresentar um valor aspetual imperfetivo no caso de ocorrer com predicadores durativos como estados e processos. Surge neste caso com um sintagma adverbial temporal durativo de fronteira direita aberta e descreve situações que se verificam por um período de tempo que se estende até ao momento presente (sendo esta a definição típica dos gramáticos, independentemente da situação e respetivo contexto, nomeadamente da presença do adverbial):

(61) a. Mary has lived with her parents **since she was born**.

(62) a. Mary has lived with her parents **all her life**.

Observemos as mesmas frases sem o acompanhamento do adverbial:

(61) (62) b. Mary has lived with her parents.

Não nos interessa se foi desde que nasceu ou apenas por um período limitado de tempo. Interessa o facto. A Mary viveu com os pais em determinada fase da sua vida.

Concluimos, afirmando que, em inglês, o *Perfect* apresenta um valor aspetual perfetivo, isto é, a situação está realizada, a não ser que esteja acompanhado de um advérbio que o transporte até ao momento presente, e, só nesses casos, poderá ter um carácter imperfetivo. Mas será o adverbial que lhe conferirá esse carácter imperfetivo.

Também a progressiva, ao apresentar valor de ação ou situação em curso, tem carácter imperfetivo, como podemos observar pelos exemplos:

(63) John has read his book.

(64) John has been reading his book.

Capítulo 3

O Tempo Verbal

The essential characteristic of the category of tense is that it relates the time of the action, event or state of affairs referred to in the sentence to the time of utterance (the time of utterance being ‘now’)

Lyons (1968: 305)

A língua inglesa conhece dois tempos verbais básicos e como tal está organizada em passado e não passado, como se verifica na própria flexão verbal: *went / go* ou *came / come*, or *was / is* ‘Two days ago she was sick.’ ‘She is quite well now.’ não fazendo distinção entre presente e futuro: “I don’t like bananas”; “We leave tomorrow morning / next week”. John Lyons (1968: 306) e David Crystal (2001: 253) designam o tempo presente de *Non-Past*. Lyons afirma que a forma *jumped* está marcada como passado, enquanto as formas *jump (jumps)* não estão de todo marcadas. Lyons afirma que o tempo gramatical presente pode não coincidir com o tempo real presente, embora inclua o momento da enunciação. Diz Lyons (1968: 306):

The major tense-distinction in English is undoubtedly that which is traditionally described as an opposition of ‘past’ v. ‘present’ : e.g. They jump : They jumped. But this is best regarded as a contrast of ‘past’ v. ‘non-past’. The reason is that, whereas the past tense does typically refer to ‘before-now’, the non-past is not restricted to what is contemporaneous with the time of utterance: it is also used for ‘timeless’ or ‘eternal’ statements (The sun rises in the east, etc.)

David Crystal (2001: 253-54) considera ainda ser o tempo passado, *Past Tense*, o que oferece mais variações entre as várias línguas:

A tense form which refers to a time of action prior to the moment of utterance. Languages make different distinctions within this period, such as whether the reference is recent or distant, or whether the action is completed or not. French, for example, recognizes imperfect, past historic, perfect, pluperfect, and past anterior tenses, as well as future and conditional perfect forms. English also traditionally recognizes a range of past tense forms, following the influence of Latin grammar,

though only a single past tense form is represented inflectionally (*I walked*), other past time reference using auxiliary verbs...

Todas as outras conjugações são de índole aspetual entre progressivo e não-progressivo, perfetivo e imperfetivo:

- The past progressive (I was walking)
- The simple present perfect (I have walked)
- The present perfect progressive (I have been walking)
- The simple past perfect (I had walked)
- The past perfect progressive (I had been walking)

Também o português recorre a combinações deste tipo. Assim, temos:

- O Pretérito Perfeito Simples (A Maria esteve doente)
- O Pretérito Perfeito Composto (A Maria tem estado doente)
- O Pretérito Imperfeito (A Maria estava doente)
- O Pretérito Mais-que-Perfeito Composto (A Maria tinha estado doente)

3.1. O Past Simple Tense e o Present Perfect O Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Perfeito Composto

Diz Michael Swan [(1980) 1995: 416 - 17]: “We use the simple past to talk about many kinds of past events: short, quickly finished actions and happenings, longer situations, and repeated events.”

- Peter broke a window last night
- I spent all my childhood in Scotland.
- Regularly every summer, Janet fell in love.

E acrescenta: “The simple past is often used with references to finished periods and moments of time.”

- I saw John yesterday morning. He told me...

Swan [(1980) 1995: 417] define o Past Simple da seguinte forma: “In general, the simple past tense is the ‘normal’ one for talking about the past; we use it if we do not have a special reason for using one of the other tenses.”

Por seu lado, diz a Collins Cobuild English Grammar [1990: 250] in Casanova (2006: 114):

If you want to say that an event occurred or that something was the case at a particular time in the past, you use the simple past. [...] If you want to say that a situation existed over a period of time in the past, you also use the simple past.

e exemplifica:

- *The Israeli Prime Minister flew into New York yesterday to start his visit to the US.*
- *He lived in Paris during his last years.*
- *We walked a great deal over my boyhood.*

Assim, o *Past Simple* apresenta-se como a forma de expressão de situações passadas por excelência que podem ser situações não durativas, eventos, e situações durativas, estados e processos, utilizando uma referência temporal, *a particular time* e *over a period of time*. Temos como exemplos de eventos: *broke a window*, *flew into New York* e como exemplos de estados e processos: *all my childhood*, *every summer*, *during his last years*, *over my boyhood*, como demonstram os exemplos:

(65) a. Who broke the window?

b. Quem partiu o vidro?

(66) a. Mary was here yesterday, wasn't she?

b. A Mary esteve aqui ontem, não esteve?

(67) a. Mary drank too much last night.

b. A Mary bebeu de mais a noite passada.

O *Past Simple* descreve situações, sejam elas eventos, estados ou processos, que decorreram num momento anterior ao da enunciação indicando sempre um passado definido, uma situação decorrida num momento específico. Isto é, situações temporalmente passadas, logo aspetualmente perfectivas. É a forma mais usada no discurso narrativo e surge geralmente acompanhada de adverbiais temporais definidos ou em situações em que o tempo é definido pela contextualização. Como diz Swan [(1980) 1995: 417]: “The simple past is common in story-telling and when we are telling people about past events.” Dá como exemplo:

‘One day the Princess decided that she didn’t like staying at home all day, so she told her father that she wanted to get a job...’

São perspectivadas do seu exterior situações já realizadas que excluem o momento da enunciação, como “Every Summer Mary fell in love”. Estas situações podem ser habituais ou não, iterativas ou não, mas são sempre acabadas. O recurso a adverbiais indicadores de frequência é evidente.

São perspectivadas do seu interior as situações expressas por construções adverbiais em que o falante volta ao passado encarando-o como se estivesse ainda em curso: “In those days I was living with my family”. Estas situações traduzem o aspeto imperfeito que encontramos em português na distinção entre o Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito. Assim:

O pretérito imperfeito emprega-se, em primeiro lugar, quando, transportando-nos com o pensamento a uma época passada, descrevemos o que se estava dando, quando uma coisa aconteceu.

Epifânio da Silva Dias (1918: 188)

Utilizemos a mesma situação como exemplo ‘Nessa altura eu vivia com a minha família’. O Pretérito Imperfeito exprime o facto passado habitual, uma ação durativa observada na perspetiva da sua estrutura interna. Pode, no entanto, tornar-se compatível com alguns predicadores não durativos através da repetição: E a Maria tossia e tossia... Que cansaço! “Mary caughed and caughed...What a pain!”

Assim, o Pretérito Imperfeito representa uma situação temporalmente passada, mas não necessariamente acabada, observando e descrevendo o falante os acontecimentos na perspectiva da sua estrutura interna. Diz Casanova: “A diferença entre estas duas formas portuguesas é, pois, essencialmente uma questão de perspectiva (O João dançou bem / O João dançava bem).”

No entanto, nem sempre um tempo passado tem um significado passado. Swan[(1980) 1995: 429] observa: “A past tense does not always have a past meaning. In some kinds of sentence we can use verbs like I had, you went or I was wondering to talk about the present or future.”

Para descrever situações passadas, a língua inglesa dispõe ainda do *Present Perfect*, que tem sido inadequadamente descrito e explicado como uma situação que, iniciada no passado, se estende até ao momento presente. Swan [(1980) 1995: 419 20] diz:

We can use the simple present perfect to say that a finished action or event is connected with the present in some way. If we say that something has happened, we are thinking about the past and the present at the same time. ‘I can’t go on holiday because I’ve broken my leg’.

O exemplo apresentado por Swan não clarifica a situação. Não se trata de ter ou não importância no presente (*current relevance*). Alguém partiu a perna. Situação perfeita. Existe, no entanto, um acréscimo de informação. O falante recorre ao princípio da relevância explicando ser esse o motivo que o impede de ir de férias.

Swan acrescenta ainda:

[...] We often use the simple present perfect for past events when we are thinking of a period of time continuing up to the present – for example when we use indefinite time adverbs that mean ‘at some/any time up to now’, like ever, before, never, yet, already. ‘Have you ever seen a ghost?’ ‘I’m sure we’ve met before’.

Contradizendo o que acima tinha afirmado, Swan refere que o recurso a alguns sintagmas adverbiais permite essa continuidade da ação até ao momento presente.

Quirk (1972: 84 e seg.s) considera o *Present Perfect* como uma forma perfeita do aspeto. Afirma:

It indicates a period of time stretching backwards into some earlier time. It is past with 'current relevance'.

John lived in Paris for ten years.

John has lived in Paris for ten years.

Quirk explica então que a utilização do *Past Simple* na primeira frase indica que o tempo de residência em Paris terminou, enquanto na segunda frase o aspeto perfeito da mesma indica que a residência ainda se mantém em Paris, apesar de nada na frase indicar que assim continuará. Para Quirk, o uso do aspeto perfeito está associado a uma orientação temporal e como tal a vários indicadores temporais como *lately*, *since*, *so far*, etc. Quirk estabelece a diferença entre *Past Simple* e *Perfect* em termos conclusivos:

In the following examples the past time implies definite reference and the perfect indefinite reference. 'Did you hear Segovia play?' ('on a certain occasion') 'Have you heard Segovia play?' ('at any time').

Leech (1999: 35) considera que há duas maneiras de expressar o passado, o *Past Tense* (*I wrote, I went*, etc.) e o Aspeto Perfeito (*I have written, I have gone*, etc.). No entanto, Leech define o *Present Perfect* não só como um caso aspetualmente perfeito, mas também como *Present Perfect Tense* e não progressivo. Diz Leech:

[...] the Perfect Aspect is used for a past happening which is seen in relation to a later event or time. Thus the present perfect means 'past-time-related-to-present-time'.

Também o define como:

Habit-in-a-period-leading-up-to-the-present

Ao mesmo tempo que reforça a ideia de que os advérbios são parte integrante do sentido da frase, salvo em raras ocasiões quando se refere a um passado indefinido:

On the rare occasions when it does so occur, the verb *have* tends to be stressed, [...] ‘I have eaten lobster, but I can’t say I enjoyed it’.

ou resultativo:

I’ve recovered from my illness

The taxi has arrived.

Leech aceita a possibilidade de se argumentar que, não usando advérbios, se torna difícil distinguir o significado real da frase, isto é, que não se refira simplesmente a uma situação passada. Questiona ainda se (1999: 40):

[...] *Have you seen my slippers?* is really a question about the present consequences of seeing the slippers; [...]

Não obstante as situações por si apresentadas, mantém que as diferenças entre o *Past Simple* e o *Present Perfect* se baseiam em três pontos, implicando o *Present Perfect* a continuação de uma ação até ao presente em *state-up-to-the-present*, *habit-up-to-the-present* e um tempo indefinido.

His sister *has been* an invalid all her life (i.e. ‘She is still alive’).

His sister *was* an invalid all her life (i.e. ‘She is now dead’).

For generations, Nepal *has produced* the world’s greatest soldiers (‘The nation of Nepal still exists’).

For generations, Sparta *produced* Greece’s greatest warriors (This permits, but does not compel, us to infer that ‘The state of Sparta no longer exists’).

Has Samuel Becket *written* any novels? (‘Becket is still alive’).

Did Disraeli write any novels? (‘Disraeli is now dead’).

Sobre os exemplos acima diz Leech (1999: 41): “In all these examples, the period in question is assumed rather than named: it is the lifetime of the person or institution denoted by the subject of the sentence.”

Clarificando os conceitos de ações definidas e indefinidas no tempo, justifica, assim, a diferença entre *Past Simple* e *Present Perfect* (1999: 42):

The definite / indefinite contrast between Simple Past and Present Perfect is exactly parallel to the contrast in meaning between the definite article *the* and the indefinite article *a* or *an*. We say *the cat* rather than *a cat* whenever a particular animal has already been mentioned, [...].

Leech refere ainda que, apesar de os conceitos serem diferentes, por vezes entrecruzam-se. Leech usa como exemplo o caso de alguém que perde os óculos. A pessoa poderá questionar-se enfatizando o momento em que perdeu os óculos tentando recordar o que fazia “Now where did I put my glasses?” ou focar a sua atenção no momento presente “Now where have I put my glasses?” tentando descobrir onde estarão. Segundo Leech, o *Past Simple* indica um ponto de referência ou orientação que se situa no passado “then” enquanto o *Present Perfect* relata ações passadas mais diretamente ligadas a um ponto de referência ou orientação no tempo presente “now”.

Peterson estabelece a diferença entre o *Past Simple* e o *Present Perfect* em termos de localização no tempo e de finitude. Diz Peterson (1980-1992: 64)

The most basic use of past tense is to describe one completed action in the past. It is very easy to give an exact time for a punctual verb in the past. [...] In the present perfect tense, an exact time is never given for an action.

Dá como exemplo a frase:

Mrs. Clark has bought a new house.

Tal como o exemplo indica, ao Present Perfect interessa o facto, a ação, e não quando a mesma ocorreu. Temos em Patricia Wilcox Peterson uma linguista que apresenta a teoria que defendemos e pretendemos demonstrar com este trabalho. A diferença entre o *Past Simple* e o *Present Perfect* baseia-se na questão de saber quando a ação aconteceu e qual o facto ocorrido. A escolha entre uma ou outra forma vai depender da informação que o

falante quiser transmitir. Utilizando o exemplo acima para demonstrar o que acabamos de dizer, verificamos que a escolha do *Past Simple* nos situa no tempo e a escolha do *Present Perfect* nos informa apenas da ação, da compra de uma casa por parte da senhora Clark; não interessa quando essa ação aconteceu:

Mrs. Clark bought a house last year. (simple past)

Mrs. Clark has bought a house. (present perfect)

É nosso objetivo demonstrar que, sem o recurso a sintagmas adverbiais, ambas as formas indicam situações passadas, portanto, perfeitivas.

Continuaremos a observar e a exemplificar teorias e práticas de linguistas de renome para mais facilmente demonstrarmos a nossa teoria e justificarmos que como a maioria dos exemplos por estes apresentados não serão os mais evidentes, se torna difícil, principalmente para os alunos de língua estrangeira, compreenderem esta questão. Tendo ainda em consideração que não existe equivalência entre as formas de passado inglês e o passado português, maior dificuldade assume este ponto.

Aliada a esta dificuldade, a diferença natural entre as línguas, o *Present Perfect* inglês difere do Pretérito Perfeito Composto.

Boléo (1936: 77) questiona-se sobre o facto de o perfeito simples tender a desaparecer ou a ser substituído pelo perfeito composto em todas línguas românicas, nalgumas germânicas e eslavas, exceto em português mantendo uma oposição aspetual e temporal.

Boléo (1936: xxxvii) esclarece que em inglês moderno:

O pretérito emprega-se para designar um facto passado sem relação com o momento em que se fala. É portanto, o tempo próprio para frases que contêm indicações de tempo tais como *yesterday, the other day, in 1901*, etc.

Apesar das diferenças entre o *Present Perfect* inglês e Pretérito Perfeito Composto português, Boléo conseguiu um exemplo em que há alguma semelhança de sentido entre o perfeito inglês e o português:

Although Milton had no predecessor, he has had several imitators.

Boléo traduziria *has had* por “teve até hoje” ou pelo perfeito composto “tem tido”.

Para Fátima Oliveira (2003: 142), o Pretérito Perfeito Composto tem características aspetuais que o distinguem de qualquer outra língua, incluindo as românicas, em situações paralelas. Considera que esta forma verbal não marca perfeitividade, mas uma duração que se inicia no passado, embora não definido, e perdura até ao presente [...]. Apresenta como exemplos:

O Manuel tem visitado a avó.

Não me espanta que o Manuel tenha visitado a avó.

Assim, o Pretérito Perfeito Composto projeta a marcação do início de um estado ou evento no passado que se mantém no presente, mas que pode continuar para além deste dependendo do tipo de situação e da construção em que ocorre.

No caso dos estados, o efeito de iteratividade decorre da utilização de expressões adverbiais quantificacionais (A Maria tem estado doente muitas vezes), tal como no caso dos processos (A Maria tem corrido todos os dias). Se as situações que incluem culminação (processos culminados e culminações) não a perdem, pode por iteração obter-se um outro estado.

Consequentemente, o Pretérito Perfeito Composto difere de outros tempos do passado na sua informação temporal, e, em certas condições, poderá mesmo desencadear um estado iterativo, nomeadamente com eventos.

No entanto, para Boléo (1936: 5):

O que torna este tempo expressivo na sua concisão e característico da língua portuguesa, é exactamente a faculdade de poder exprimir a duração ou a repetição duma acção (ou estado) **sem palavra alguma acessória**. [destacado nosso]

Boléo clarifica um pouco mais (1936: 6):

Suponhamos ainda que tenho conhecimento de que uma família amiga mandou o filho para um colégio ou para o estrangeiro. Se encontro algum membro da família poucos dias depois da partida, a pergunta será esta: «Então F. escreveu?» Ou «já recebeu notícias de F.?» Mas se o encontro passados meses, é o tempo composto que de preferência emprego: «F. tem escrito?» Esta forma significa, por si só, que eu desejo saber se ele escreveu «com regularidade», «várias vezes». Ela exprime, por conseguinte, o tempo (passado) e o aspecto ou qualidade da acção (frequência).

Mais acrescenta ser essa a característica que lhe confere um lugar inconfundível e único no quadro das línguas românicas.

Epifânio da Silva Dias (1918: 192) chama o Pretérito Perfeito Composto de Pretérito Perfeito Indefinido, pois considera que:

O pret. indefinido exprime a continuação d'uma acção desde certo momento até o momento em que fallamos.

Paiva Boléo (1936: 4-5) sustenta que:

Frases tais como «que tem feito» ou «tenho estado doente» não indicam repetição da acção, mas sim a duração da mesma, desde um dado momento do passado até à actualidade.

E continua recorrendo a outras situações explicando o seu ponto de vista:

Imaginemos que eu encontro um conhecido e lhe digo: «que tem feito, que não aparece?» se ele me responde: «estive doente» significa que ele considera o seu estado de doente inteiramente passado e mais ou menos distante do presente; mas se disser «tenho estado doente», então refere-se a um lapso de tempo próximo, que se estende até ao momento presente. O estado é também passado, mas aproxima-se da actualidade; nós somos levados instintivamente a descobrir ainda no rosto vestígios da doença.

Boléo considera a primeira acção uma acção-ponto e a segunda acção uma acção-linha. De acordo com a sua teoria, se quisermos prolongar o estado ou acção até ao momento em que se fala, teremos de recorrer a perífrases com andar, por exemplo, «eu tenho andado constipado».

Esta questão não é consensual entre os diversos linguistas. Por exemplo, Paiva Boléo, como acabámos de observar “[...] refere-se a um lapso de tempo próximo [...]” considerando que a acção se aproxima do momento da enunciação.

Em suma, o Pretérito Perfeito Composto apresenta, no português atual, valor imperfetivo, quer dizer, a conjugação com o auxiliar ‘ter’ não apresenta valor aspetual perfetivo, isto é, refere uma situação verificada num período de tempo que se prolonga até ao momento da enunciação, podendo ou não incluir esse momento. Refere, portanto, situações durativas e imperfetivas. É esta imperfetividade que o afasta de qualquer conexão ao *Present Perfect* como podemos verificar nas frases seguintes:

A Maria tem atuado no CCB.

Mary has performed in the CCB.

A frase portuguesa apresenta uma situação que se repete ou pode repetir até ao momento presente, o que não se passa com o *Present Perfect*. Pois, como anteriormente explicitado, o *Present Perfect* apresenta um valor aspetual perfetivo ocorrido num passado indefinido. Assim, o *Present Perfect* corresponderá à forma portuguesa do Pretérito Perfeito Simples:

A Maria atuou no CCB.

Mary has performed in the CCB.

Poderemos, então, afirmar que o *Present Perfect* apresenta um valor aspetual perfetivo centrado na ação em si mesma e não no momento em que essa ação aconteceu. Interessa o facto, não quando ou onde ocorreu.

No entanto, temos vindo a verificar que alguns linguistas mantêm a ideia de que o *Present Perfect* se prolonga até ao presente. David Crystal (1995:225), por exemplo, considera que:

The present perfective is chiefly used for an action continuing up to the present. This meaning of ‘current relevance’ contrasts with the past tense meaning.

E dá exemplos, não tendo em conta a utilização do adverbial *for* e a alteração de sentido que provoca na frase:

I’ve lived in Paris for a year (and I still do).

I lived in Paris for a year (but I don't now).

Bernard Comrie (2006: 41) considera que o *Past Simple* apenas localiza a situação num momento anterior ao momento da enunciação, não especificando se a situação é pontual, alargada no tempo ou se se prolonga até ao momento presente ou mesmo até pelo futuro, apesar de estar implícito na conversação que a situação não continua para além do presente. E dá como exemplos para estas situações as seguintes frases:

[...] at seven o'clock yesterday John promised to give me ten pounds;

John lived in Manchester from 1962 to 1982;

[...] up to this moment this disease was incurable.

Comrie salienta que em relação às situações:

John was in Paris.

John has been in Paris.

não existe diferença entre a utilização das duas formas, são situações passadas. A primeira implicará a existência de uma ocasião específica em que o João viveu em Paris partilhada por ambos os interlocutores, partindo do pressuposto de que em qualquer outro período o João terá vivido em qualquer outro lugar; por seu lado, a segunda situação indica que algum tempo atrás, não identificado por qualquer dos interlocutores, o João viveu em Paris. Esclarece, desta forma, que ambas as situações são compatíveis com o conceito de passado:

All of these particular interpretations are compatible with the meaning given for the past tense.

Sabendo nós que o *Past Simple* indica localização temporal (*When*), a frase “John was in Paris” será uma frase estranha, pois não especifica quando é que o João esteve em Paris. Assim sendo, perguntamo-nos porque terá Comrie apresentado tal exemplo?

Esta situação é defendida também por Casanova (2006: 120) que dá como exemplos:

John has been killed.

John has worked in this bank.

Estas ações tiveram lugar num tempo passado, não se arrastam até ao presente, sendo assim perfeitivas. Diz Casanova:

[...] as ações referidas são portanto perfectivas. E por isso a forma se chama Present Perfect: é uma forma que refere situações que, no presente, estão perfeitas (ou realizadas).

E clarifica:

[...] o Present Perfect descreve situações verificadas num passado indefinido (que não se quer ou não interessa definir) [...] Assim, escolher o Present Perfect significa que o locutor centra as suas atenções no facto e não no momento em que decorre.

No entanto, se associado a alguns sintagmas adverbiais durativos de fronteira aberta, poderá referir-se a situações que se arrastam até ao presente, sendo, portanto, imperfetivas.

Estudemos os exemplos:

Mary has lived here **for a long time** (she still lives here).

Mary has worked in this bank **since last year** (she still works in that bank).

Mary has played tennis **since she was a child** (she still plays tennis).

Como podemos observar, não é à forma verbal que se deve a imperfetividade, mas sim à utilização do adverbial. Caso assim não fosse, as frases referir-se-iam a situações perfeitamente perfeitivas:

Mary has lived here (she doesn't live here anymore).

A Maria viveu aqui (já não vive).

Mary has worked in this bank (she doesn't work in this bank anymore).

A Maria trabalhou neste banco (já não trabalha).

Mary has played tennis (she doesn't play tennis anymore).

A Maria jogou ténis (já não joga).

Assim sendo, só em situações em que a forma verbal se associe a um adverbial durativo de fronteira aberta é que o valor aspetual poderá ser imperfetivo. Quer isto dizer que a situação descrita se arrasta até ao momento da enunciação por força do adverbial.

Concluímos, por conseguinte, que quando não há harmonia aspetual entre a semântica do predicador e o adverbial, é o adverbial que domina sobre o verbo.

3.1.1. Sintagmas adverbiais temporais

São os sintagmas adverbiais de tempo que determinam a classificação aspetual do predicador.

Podemos distinguir três classes de sintagmas adverbiais temporais como refere Casanova (1985: 127-131), localizadores, frequenciais e durativos.

Os sintagmas adverbiais localizadores indicam o intervalo de tempo durante o qual o facto se verifica e podem ser pontuais, apontar momentos (*at the moment, at noon*), ou intervalares, apontar espaços temporais (*all day, last month, in May*). Estes sintagmas podem ainda referir um espaço de tempo que se estende até ao presente (*since last week*) e podem também referir um espaço de tempo cujo ponto inicial é o presente (*within two weeks*).

Os sintagmas localizadores ocorrem com estados “Mary was dead in April” e com eventos “Mary died last night”. Podem ainda ocorrer com predicadores de processo transformando-os em predicadores de estado ou evento.

Os sintagmas adverbiais frequenciais indicam a frequência com que certo facto se verificou. Apresentam carácter vago e indefinido (*never, frequently, sometimes, several times*) e ocorrem com todos os tipos de predicador “Mary was in London several times” “Mary cooked dinner several times”, *etc*:

John danced several times.

O João dançou várias vezes.

John was in Lisbon several times.

O João esteve em Lisboa várias vezes.

Esclarece Casanova que a primeira frase indica que, por várias vezes, o João começou a dançar, dançou e parou; enquanto a segunda frase indica que, por várias vezes, o João veio a Lisboa, ficou e partiu.

Por seu lado, os sintagmas adverbiais durativos indicam o espaço de tempo em que poderá decorrer a ação, logo ocorrem com predicadores durativos, isto é, com estados e processos “Mary was studying all night” ou ainda com eventos prolongados “Mary drank her tea”.

Sumariamente, poderemos afirmar que a principal diferença entre o *Past Simple* e o *Present Perfect* se prende com a localização ou não da ação no tempo. O mesmo se verificando em relação ao Pretérito Perfeito Simples e Pretérito Perfeito Composto. Daí que o *Present Perfect* tenha mais afinidade com o Pretérito Perfeito Simples: “A Maria comprou um vestido novo / ‘Mary has bought a new dress’”. De referir também a relevância dos sintagmas adverbiais que no que concerne ao *Present Perfect* podem alterar completamente o significado da ação conferindo-lhe, assim, um carácter de imperfetividade.

3.2. Gramática

O conceito de gramática tem evoluído ao longo do tempo. Várias têm sido as teorias que o têm alimentado e sustentado. Não pretendemos apresentar um estudo aprofundado das várias teorias, apresentaremos uma pequena abordagem generalista para introduzir o tema, base do nosso trabalho. Assim:

A par do estabelecimento das regras gramaticais de cada língua, desenvolveram-se durante séculos estudos sobre as características universais da linguagem e das línguas.

Primeiramente identificadas com categorias filosóficas do pensamento – que encontravam expressão preferencial nas categorias gramaticais do grego e do latim -, esses universais da linguagem foram sendo reinterpretados em função do conhecimento de novas línguas. Progressivamente, essas questões de âmbito universal entraram em relação com a análise das línguas e foram integradas nos estudos gramaticais; em consequência, criaram-se novos conceitos gramaticais, reformularam-se hipóteses gerais, construíram-se teorias linguísticas. Todo este movimento científico se reflectiu no conceito de gramática.

Mateus *et alii*, 1987: 8

Casanova (2009: 144), ainda concernente ao mesmo ponto, refere:

Estudada desde a Antiguidade como disciplina do Trivium, a gramática era, a par da dialéctica e da RETÓRICA, uma das disciplinas das Artes Liberais³⁸.

Acrescenta a seguinte informação, como nota de rodapé:

Eram sete as Artes Liberais. Do Trivium (palavra latina composta por tres (três) e via (caminho), constavam as artes iniciais. Seguia-se-lhe o quadrivium, que integrava quatro artes: a aritmética, a astronomia, a geometria e a música.

Halliday, por seu lado, defende a gramática funcional: “Language is used to organize, understand and express our perceptions of the world and of our own consciousness.[...]” (Halliday: 1978) onde Halliday classifica a linguagem em três grandes categorias, (i) compreender o que nos rodeia (*ideational function*), (ii) interagir com os outros e o meio circundante (*interpersonal function*) e uma terceira que aglutina e traz relevância e sentido às anteriores (*textual function*) estabelecendo, assim, as bases da gramática funcional. Em 1995: 9, Bloor vai recuperar este tema baseado na mesma perspectiva de Halliday e acrescenta que, como a gramática de cada língua se tem desenvolvido ao longo do tempo para servir as necessidades linguísticas dos indivíduos, são as funções acima identificadas que têm moldado a forma da língua e fixado o curso da sua evolução. No seu livro *An Introduction to Functional Grammar* (1985: xiii) Halliday clarifica, ser a gramática funcional essencialmente uma gramática natural, no sentido em que todos os conceitos e regras podem ser explicados. Explica Halliday que na gramática funcional cada parte é interpretada como elemento de um todo *from general to specific*.

A gramática será, então, um conhecimento global abrangendo diversos domínios, isto é, a chamada competência gramatical. Qualquer falante de uma língua reconhece a gramaticalidade ou agramaticalidade de uma frase quando a houve. Por exemplo, as seguintes situações, *A Maria tem um cão* e **A Maria dormem em casa* são exemplificativas do registo de gramaticalidade da primeira frase, ou de agramaticalidade da segunda frase. Neste caso específico, a agramaticalidade encontra-se no domínio da não concordância em pessoa e número entre o sujeito e o predicado. Recordemos que duas das funções gramaticais principais de uma frase são o sujeito e o predicado, mas não nos esqueçamos de que uma frase transporta também, para além da informação temporal, informação modal e aspectual.

Poderemos, então, reformular a definição acima e dizer que a gramática será um modelo do conhecimento global que constitui a competência linguística dos falantes de uma determinada língua.

Cunha e Cintra (1987: 1) definem a gramática como o sistema base de uma língua.

O Dicionário Terminológico, TLEBS (2009: 144) define gramática como sendo o estudo sistemático das regras de determinada língua e das regras estruturais que regem essa mesma língua, quer seja na sua morfologia ou sintaxe. Na Antiguidade Clássica, a gramática era, como acima referimos, uma das disciplinas das Artes Liberais, a par da Dialética e da Retórica.

A tradição greco-latina, à qual os gramáticos foram beber informação e inspiração, define como condição essencial para falar bem uma língua, o conhecimento da sua gramática, isto é, das categorias que a enquadram e das regras que regulam o seu bom uso. Relevante será esclarecer que não existe uma definição de gramática universalmente aceite como a melhor. Tomlin (1994: 142) clarifica o que acabámos de afirmar:

A complete grammar includes descriptions of all major components of language – syntax, semantics, phonology, morphology, lexicon, and conditions on use. But such a grammar has never been written, and all linguistic theories are content to deal with relatively small subsets of the phenomena of interest, despite the intention and responsibility to deal with a wide range of matters.

Um consenso envolvendo uma definição para o que será falar bem uma língua ou o seu bom uso também não existe. À pergunta: O que é falar bem uma língua? Não temos definição precisa para oferecer como resposta. Halliday diz que não podemos compreender ou falar corretamente uma língua sem conhecermos a sua gramática: [...] “meanings are realized through wordings; and without a theory of wordings – that is, a grammar – there is no way of making explicit one’s interpretation of the meaning of a text.” (1985: xvii) *or of someone’s discourse*, acrescentaremos nós.

Halliday acrescenta ainda,

[...] the entire system of meanings of a language is expressed by grammar as well as by vocabulary. In fact the meanings are encoded in ‘wordings’: grammatical sequences, or ‘syntagms’, consisting of items of both kinds – lexical items such as most verbs and nouns, grammatical items like ‘the’ and ‘of’ and ‘if’, as well as those of an in between type such as prepositions.

O termo ‘gramática’ poderemos neste momento acrescentar, não é, portanto, um termo de fácil entendimento. É até algo ambíguo, quer seja num sentido mais limitado, referente à morfologia e sintaxe de uma língua, quer no seu sentido mais lato, incluindo a fonologia e a semântica. Várias são as teorias a ele associadas. No entanto, para a maior parte das pessoas, gramática sugere ‘*dos and don’ts*’; certificarmos-nos de que o verbo concorda com o sujeito; nunca usar ‘*me*’ como sujeito de uma frase. Estas e outras regras definem muitas das distinções entre a língua padrão e as variantes não-padrão e influenciam os falantes dessa língua na sua opção por boas ou más práticas gramaticais. Embora, na maior parte das vezes, esse tipo de decisão sobre o que será bem e mal, seja completamente arbitrário e nem sempre reflita uma qualquer regra fundamental.

Como exemplo, temos os pronomes pessoais em inglês padrão. Não existe qualquer diferença entre a segunda pessoa do singular e do plural. A frase “You should be ready” é exemplo dessa ambiguidade de que falávamos anteriormente, uma vez que nos poderemos estar a referir a uma ou várias pessoas. Este é, também, um exemplo das alterações sofridas pela língua ao longo do tempo, pois em *Old English* havia uma distinção entre a segunda pessoa do singular e do plural. A forma correspondente ao inglês moderno *you* correspondia ao plural, apresentando o singular a forma *thou*. Esta forma viria a

desaparecer no período de 1500 a 1700, *Early Modern English*, adotando a forma atual (Leith: 1983).

Simplificando e resumindo, diremos que a gramática é aquilo que nós sabemos, pois representa a nossa consciência linguística. E, para compreendermos a natureza de uma língua, teremos de compreender este sistema inconsciente e interiorizado que faz parte da gramática de qualquer língua e que constitui a nossa competência intrínseca. Sabemos que muito do conhecimento que detemos sobre a nossa língua materna não é consciente. Aprendemos o sistema linguístico, isto é, os sons, estruturas, significados, etc, sem ninguém nos ensinar e sem termos a consciência de que estamos a aprender regras.

Fromkin (1993: 31) tem a seguinte interpretação de gramática:

A **gramática** de uma língua representa o conhecimento linguístico ou a capacidade dos falantes. Inclui sons básicos, palavras e regras de formação, pronúncia e interpretação de frases. O conhecimento linguístico representado na gramática não é um conhecimento consciente.

Para Fromkin, a descrição explícita do nosso conhecimento linguístico constitui o que ela apelida de gramática descritiva, isto é, um modelo de gramática ‘mental’ que todo o falante de uma língua possui. Não tendo como objetivo estudar as regras da língua, mas apenas descrever as regras que já conhecemos.

Claro que estas teorias linguísticas não são aplicáveis aos nossos alunos de língua estrangeira. Toda a aprendizagem é interiorizada e são as regras gramaticais que, pela sua complexidade, pelo afastamento relativamente à língua materna e pela falta de clareza em explicar algumas das regras, tornam tão difícil e desmotivadora essa aprendizagem, cada vez mais agravada pelo generalizado desinteresse social em compreender o funcionamento linguístico, pois apenas importa conseguir comunicar. No entanto, sabemos que para sabermos falar uma língua é fundamental estarmos conscientes da sua estrutura e das regras do seu funcionamento.

Bessie Dendrinis (1992: 225) diz que, ao utilizarmos a linguagem, funcionamos como seres sociais, logo, segundo a autora, a gramática de uma língua constituirá um

«potencial ideológico», à semelhança de todas as outras características linguísticas que utilizamos para dar significado aos nossos discursos escritos ou orais.

Concluiremos afirmando que a gramática não será, certamente, o que de mais importante existe no mundo, no entanto, ao construirmos mal as frases, ao darmos muitos erros, tornamos difícil ao nosso interlocutor ter um entendimento claro do que queremos dizer e corremos o risco de não sermos levados a sério ou de sermos olhados com desprezo. Falar uma língua estrangeira corretamente não é, como sabemos, tarefa fácil. Certamente que tornaremos essa tarefa mais fácil e, logo, comunicaremos mais facilmente também, se soubermos utilizar a língua estrangeira de forma razoavelmente correta.

Ajudar os nossos alunos a compreenderem e utilizarem uma das mais complexas e menos claras regras da gramática inglesa, o *Present Perfect*, é o nosso objetivo.

3.2.1. Gramáticas Científicas

As gramáticas científicas inglesas, primeiramente pensadas e escritas para nativos da língua, são livros de referência e fornecem uma vasta cobertura das especificidades da língua inglesa. Geralmente incidem sobre as variantes padrão, isto é, o inglês britânico e o inglês americano, embora também possam abordar outras variantes. Têm também como objetivo esclarecer algumas das características da língua à luz da história da língua inglesa.

Os estudiosos da gramática buscam informação em fontes diversas. Exemplo dessas fontes é o modo como a língua é usada em determinado momento na atualidade.

Os exemplos podem ter a ver com um ponto particular da língua, a construção da negativa em inglês, por exemplo “I don’t have any money”, “I have no money; “I think it’s not right”, “I don’t think it’s right”. A recolha de dados pode ser feita de modo sistemático, através da leitura de vários jornais, ou através daquilo que ouvimos ou vemos, ou ainda através da combinação destes.

As novas tecnologias tornaram possível a criação de uma base alargada de *corpora*, permitindo o acesso a novos investigadores. Alguns *corpora* são específicos da área gramatical e outras características da língua, bem como vocabulário específico ou combinação de palavras. O *corpus* linguístico tornou-se, assim, na maior área de pesquisa linguística de sempre. Inúmeras publicações sobre esta matéria foram lançadas permitindo, mais uma vez, uma investigação mais profunda quer a linguistas nativos ou não nativos, quer a outros estudiosos. O nível de confiança na informação fornecida é total (Greenbaum: 1996).

Qualquer definição de gramática pressupõe uma teoria subjacente.

As gramáticas podem ser descritivas ou prescritivas. As gramáticas descritivas apresentam um registo das regras da língua com rigor e clareza. As gramáticas prescritivas avaliam e aconselham, isto é, elucidam os leitores sobre a forma mais correta de usar a língua. Pode, por exemplo, chamar a atenção para o facto de o termo “none” usar um verbo singular ou plural, ou no caso da frase “They behaved like they know me”, devermos utilizar “as if” em vez de “like”.

3.2.2. Gramáticas Pedagógicas adotadas nas escolas

“The primary function of language is to convey meaning: grammatical structures exist for this purpose” [Allen (1966: 40)].

Odlin, no entanto, defende que “Not everything that speakers say should be viewed as a part of the grammatical system.” (1994: 5) A complexidade apresentada pela gramática em qualquer língua é a explicação que justifica o facto de a fossilização gramatical ser tão comum, sendo que a evidência mais comum de fossilização provém dos erros.

Segundo Cunha e Cintra (1987: 5) uma gramática que pretenda registrar e analisar os factos da língua culta deve fundar-se num claro conceito de norma e de correção idiomática. Ellis (2002: 171) defende que o ensino formal da gramática não é apreendido de imediato. Não obstante, considera que: “the goal of practice activities is to develop the kind of automatic control of grammatical structures that will enable learners to use them productively and spontaneously”.

De facto, a gramática é o sistema que sustenta uma língua. E a gramática pedagógica deve fornecer ao professor de língua estrangeira informação linguística através de descrições claras e explícitas da utilização das estruturas gramaticais de uma forma simples e direta. Tal como deve fornecer informação que possa orientar na criação de atividades de aprendizagem tendo em vista um problema gramatical previamente identificado.

O que verificamos e iremos demonstrar é que, por vezes, são as gramáticas pedagógicas que levantam os problemas por não apresentarem estruturas claras e explícitas, como atrás referimos induzindo os alunos em erro e criando dificuldades acrescidas ao professor. É o caso do *Present Perfect*. A análise a algumas gramáticas pedagógicas utilizadas nas escolas permitirá observar algumas discrepâncias na explicação da regra e respetivos exemplos.

Apresentamos, de seguida, uma breve análise a algumas dessas gramáticas pedagógicas usadas nas escolas, e a maneira como o *Present Perfect* é explicado aos alunos, pois, como sabemos, as gramáticas são o seu livro de referência qualquer que seja o nível de escolaridade que frequentem.

Ao contrário das orientações emanadas dos programas quer do Ensino Básico quer do Ensino Secundário, as gramáticas, a par dos manuais escolares, não fazem qualquer abordagem ao aspeto perfeitivo. De facto, apenas uma das gramáticas do ensino básico faz uma abordagem aproximada, embora não utilize o termo “aspeto” perfeitivo.

Assim, enunciaremos todos os significados de que, segundo os gramáticos, se reveste o *Present Perfect*, ilustrando com as suas próprias definições e exemplos que estas não são exatas, que se contradizem, e explicando porquê.

Não obstante poder haver alguma diferença na definição, a grande maioria das gramáticas atribui ao *Present Perfect* os seguintes significados:

- past event (s) with results in the present time
- a period of time continuing up to the present
- past event (s) which are connected to the present
- a state leading up to the present

Atentemos, então, nos exemplos dados pelas gramáticas pedagógicas por nós analisadas. O primeiro grupo de exemplos que se segue não se enquadra em nenhum dos significados atribuídos pelos gramáticos e acima transcritos. Logo, todas as situações são passadas, isto é, ocorreram num tempo indefinido no passado, que, ou não é importante ou o falante não pretende mencionar:

He has lost his key (EGIU: 26)

We've washed the dishes (OPG: 26)

The aircraft has landed safely (OPG: 26)

Helen has broken her pencil (ILP: 19)

I've hurt my foot (ILP: 19)

I've written five letters (ILP: 19)

I've hurt my leg (HEW: 151)

Vicky has already eaten her lunch (GIG: 106)

[...] and I haven't missed a single issue (GTT: 21)

Por seu lado, as frases seguintes sofrem alteração à sua estrutura base, uma vez que se encontram acompanhadas de sintagmas adverbiais durativos de fronteira direita aberta que lhes alteram o significado e, que são eles próprios os agentes que transportam a ação até ao presente ou lhe atribuem o sentido de “current relevance” como os gramáticos gostam de afirmar.

They have been married for 20 years (EGIU: 36)

I haven't smoked since September (EGIU: 28)

These people have been at the hotel since Friday (OPG: 28)

I've lived here for ten years (ILP: 19)

He's never studied any foreign languages (HEW: 154)

Alex has worked with children all her life (HEW: 156)

I haven't seen him for a long time (GIG: 107)

I have lived in Vienna for two years GIG: 106)

I haven't seen Tom for ages (EVG: 124)

Assim, poderemos concluir que tanto o *Past Simple* como o *Present Perfect* se referem a situações passadas. A diferença entre eles é que o *Past Simple* marca a ação no tempo, diz-nos quando aconteceu ou está implícito no contexto, enquanto o *Present Perfect* relata ações que ocorreram num tempo indefinido, em que não interessa quando aconteceu. Daí que sejam consideradas agramaticais as frases que usem expressões temporais que marquem um ponto no tempo como, por exemplo, *yesterday*, *then*, *when*, etc, associadas ao *Present Perfect*.

*I've seen Mary yesterday.

I saw Mary yesterday.

A frase "I have already tasted sushi and I loved it" ilustra bem o que tentamos explicar. Temos uma situação passada que não interessa localizar no tempo, já comi sushi (*Present Perfect*), mas temos também um ponto no tempo, isto é, nesse momento específico no passado (*Past Simple*), adorei comer sushi.

Explicado o nosso ponto de vista, transcreveremos o que cada gramática diz acerca do *Present Perfect*:

Raymond Murphy (EGIU: 26) inicia a sua explicação de *Present Perfect* enfatizando o resultado da ação ligando-a a um estado presente *Tom is looking for his key. He can't find it. He has lost his key*. Claramente Murphy confunde as consequências algo irritantes da ação com a própria ação. Diz Murphy: *When we talk about a period of time that*

continues up to the present, we use the present perfect (1985: 30). Esqueceu Murphy de registrar que em *They have been married for 20 years* ou *I haven't smoked since September*, está a usar adverbiais durativos que dão o significado que Murphy pretende impor.

John Eastwood (OPG: 26) afirma que *The Present Perfect tells us about the past and the present*. Acrescenta ainda que *When we use the Present Perfect, we see things as happening in the past but having a result in the present* (1999: 26 – 8). Eastwood força uma situação, tornando-a estranha, ao trazer para o presente a consequência de os pratos terem sido lavados, por exemplo: *We have washed the dishes. (They're clean now.)*, ou de o avião ter aterrado. Não refere, aqui sim com base sólida, que o adverbial durativo *since* implica o prolongar da ação.

Para Michael Vince (ILP: 19) o *Present perfect simple generally describes past events which are connected to the present* (1998:19), por exemplo: *Helen has broken her pencil, I've written five letters* (até sabemos o número de cartas que foram escritas) ou *I've hurt my foot*, não merecem ao autor qualquer diferenciação da frase que é apresentada com adverbial *I've lived here for ten years*, como se isso fosse de alguma forma lógico e possível.

Michael Swan e Catherine Walter (HEW: 151) consideram que *The simple present perfect connects the past and the present. [...] We use it especially for finished actions that are important now. They have results now, or they are news*. Tal como na situação anterior, as situações são enquadradas no mesmo 'cesto', quer tenham ou não adverbial. *Alex has worked with kids all her life* ou *I've hurt my leg* são perfeitamente iguais para os gramáticos.

Peta Nelson (GIG: 106) afirma que *In English we use the present perfect simple to talk about actions in the past when we are not thinking or talking about the exact time that they took place. The time is not important. However there may be results or effects now* (1996:98). Nelson tem uma explicação perfeita e ajustada, mas não consegue 'fugir' ao que é dado como certo pelos outros gramáticos e, também ele, distorce a situação (... *there may be results now.*) para a poder enquadrar no que é tido por entendimento comum no que à definição de *Present Perfect* concerne.

Moreira *et alii* (GTT: 21) apresentam o *Present Perfect* como parte do tempo presente, como uma forma verbal em si própria, e afirmam: *There are three kinds of present tenses: the present simple tense, the present perfect tense and the present continuous tense.* Para o *Present Perfect* apresentam a seguinte definição: *The present perfect tense is used to relate past events or states to the present situation.* (2007: 21) Como exemplo temos a frase [...] *and I haven't missed a single issue.*

Maria José Duarte (EVG: 124) desconstrói e explica: *Talvez tenhas aprendido que o present perfect se refere a ações cujo resultado tem influência no presente e que têm possibilidade de continuar no futuro. Mas atenção: o presente perfect só por si (sem as palavras "mágicas") indica uma ação completamente passada e acabada, tal como o past simple.* É claro que as palavras 'mágicas' são os advérbios e, como diz a autora, só eles, ou a progressiva, podem fazer com que o *Present Perfect* tenha ligação com o presente.

Duarte esclarece ainda um ponto que gostaríamos de referir por considerarmos bastante relevante e que se prende com a definição de *Present Perfect Continuous*. Diz Duarte: *Ação que começou no passado e que ainda decorre. Usamos este tempo quando queremos dar ênfase à duração da ação e quando esta tem relação com o presente.* Esta definição do *Present Perfect Continuous* é comum a todas as gramáticas e corresponde à definição que é dada para o *Present Perfect*. Não se compreende.

Gostaríamos de ser mais uma voz que se ergue em forma de alerta tentando contribuir para uma transmissão de conhecimentos mais fácil e mais eficaz, promotora de sucesso na aprendizagem.

Como sabemos, as gramáticas pedagógicas, tal como os manuais escolares, são instrumentos essenciais à aprendizagem de uma língua estrangeira. Devem, por esse motivo, ser escolhidos criteriosamente, pois podem induzir os alunos em erros, erros esses que, como a nossa experiência indica, fossilizarão. Pela observação aqui apresentada de gramáticas de autores ingleses e portugueses, à exceção de Duarte (2007), poderemos afirmar que as gramáticas do reino de Sua Majestade não estão atentas a pormenores tão simples como, por exemplo, a diferença de significado introduzida por um advérbio. Utilizam exemplos dúbios ou a progressiva, como acabamos de ver, que causam confusão

e afastamento por parte dos alunos que, à partida, não demonstram grande interesse por estas matérias. Talvez possamos dizer que “fossilizaram” na sua própria falta de visão.

O facto de as gramáticas não se aperceberem do verdadeiro significado do *present perfect* tem tido repercussões desastrosas na descrição linguística: as gramáticas começam por enunciar uma regra incorreta acabando, compreensivelmente, por ter de recorrer a toda uma panóplia de exceções. Como pudemos observar, Murphy, por exemplo, a propósito das frases “Tom is looking for his key.” “He can't find it.” “He has lost his key”. explica: “He has lost his key' means that he lost it a short time ago and still hasn't got it”. Na impossibilidade de fazer estender até ao presente o ato de perder as chaves, Murphy, seguindo a voz corrente das gramáticas, prolonga a situação até ao presente fazendo perdurar os seus efeitos e atribuindo-lhe uma ocorrência recente. Esta é uma elegante resposta a uma regra confusa e incorreta. O autor faz acompanhar esta explicação de um desenho de um boneco a espreitar debaixo de uma cama como se estivesse à procura de algo. E assim se reforça a ideia de que a ação de perder a chave é recente e que os seus efeitos perduram. Como sabemos, não é o *present perfect* que vai conferir à frase a ideia de um acontecimento recente, mas a situação apresentada que, traiçoeiramente ajuda a incutir no espírito do aprendente a regra que o linguista pretende defender.

Acreditamos, apesar de algumas incongruências nas regras gramaticais, que poderemos ajudar a corrigir, que o ensino da gramática possa vir a ser encarado como algo de estimulante e acessível. Como a aprendizagem da língua estrangeira se inicia atualmente na escola primária, quando os alunos estão ainda muito recetivos à novidade poderão beneficiar de uma base gramatical sólida à qual poderão recorrer nos seus estudos posteriores. Pois, a nossa competência linguística depende do grau de compreensão e interiorização que fazemos do funcionamento da gramática de uma língua.

3.3. Programas de Língua Estrangeira – Inglês

Ensino Básico e Secundário

«Os Programas de Línguas Estrangeiras em vigor para o 2.º e 3.º ciclos entraram em vigor na década de 90. Com a reorganização curricular do ensino básico, em vigor desde

2002/03, o processo de ensino aprendizagem recentrou-se no desenvolvimento de competências, conforme o estabelecido no documento Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais.»

O 3.º Ciclo do Ensino Básico concretiza-se num ciclo de três anos de escolaridade (7.º, 8.º e 9.º anos) e, tal como é definido na Lei de Bases do Sistema Educativo, tem como enquadramento legal o Decreto-lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro. No que às línguas estrangeiras diz respeito, refere no seu Artigo n.º 7 ponto número um, a introdução de uma língua estrangeira no 1.º ciclo: «1 - As escolas do 1.º ciclo podem, de acordo com os recursos disponíveis, proporcionar a iniciação a uma língua estrangeira, com ênfase na sua expressão oral.»; no segundo ponto, refere a obrigatoriedade de iniciar uma segunda língua estrangeira no 2.º ciclo: «2 – A aprendizagem de uma língua estrangeira inicia-se obrigatoriamente no 2.º ciclo e prolonga-se no 3.º ciclo, de modo a proporcionar aos alunos o domínio da língua num crescendo de adequação e fluência.» e, no 3.º ciclo, ponto 3, clarifica: «3 – A aprendizagem de uma segunda língua estrangeira é obrigatória no 3.º ciclo.»

O Ensino Secundário, também ele, se concretiza num ciclo de três anos de escolaridade (10.º, 11.º e 12.º anos), tal como é definido na Lei de Bases do Sistema Educativo e, com a publicação da Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto, este nível de ensino passa a fazer parte do regime de escolaridade obrigatória.

No ensino secundário, o currículo nacional concretiza-se em planos de estudos elaborados com base nas matrizes curriculares Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, retificado pela Declaração de Retificação n.º 44/2004, de 25 de Maio, respeitante à retificação curricular do ensino secundário. O Ofício-Circular n.º 395, de 20 de Junho de 2005, traz esclarecimentos sobre a disciplina de língua estrangeira no ensino secundário diurno, nomeadamente no que respeita à língua de iniciação. O Ofício-Circular n.º 56DSEE/DES de 23 de Janeiro traz orientações sobre a lecionação da língua estrangeira na componente de formação específica. O Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro, retificado pela Declaração de Retificação n.º 23/2006, de 7 de Abril, veio introduzir alterações ao Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, consagrando a possibilidade de livre escolha de uma língua estrangeira que, ao contrário do que se verificava, poderia ser diferente da estudada no ensino básico. A partir do ano letivo de 2007/08, entraram em vigor as alterações curriculares produzidas pelo Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho,

resultando o novo curso de Línguas e Humanidades da fusão do curso de Línguas e Literaturas com o curso de Ciências Sociais e Humanas. Assim, o plano de estudos do novo curso integra a disciplina de língua estrangeira com opção da componente de formação específica nos 10.º e 11.º anos com reforço da carga horária, para além da formação geral. A Portaria n.º1322/2007, de 4 de Outubro promove reajustamentos e consagra a possibilidade de livre escolha de uma língua estrangeira nos cursos de nível secundário de educação. As retificações que se lhes sucederam não trazem alteração aos planos de língua estrangeira, pelo que não serão mencionadas aqui.

As aprendizagens a desenvolver pelos alunos de cada curso de nível secundário têm como referência os programas homologados por despacho do Ministro da Educação.

Os programas de Língua Estrangeira – Inglês Iniciação 10.º, 11.º e 12.º Anos em vigor foram homologados em 16/10/2001, tendo o programa de Inglês Continuação sido homologado em 20/04/2001 para os 10.º e 11.º anos e em 20/06/2003 para o 12.º ano na formação geral e específica. Apesar de não se ter procedido à reformulação de programas, a partir de 2003/04 foram redefinidas as competências a desenvolver de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEER) do Conselho da Europa.

Poderemos afirmar que, tanto no contexto de uma Europa plurilingue e pluricultural, como no contexto escolar, a aprendizagem de uma língua estrangeira assume, assim, um papel relevante, não só como requisito para a comunicação com os outros, mas também como fundamento base de uma educação cívica, democrática e humana.

No contexto escolar, a aprendizagem de línguas é essencial na formação integral dos alunos, não apenas no que diz respeito aos processos de aquisição dos saberes curriculares, como também na construção de uma educação para a cidadania. Aprender línguas favorece o desenvolvimento de uma postura questionante, analítica e crítica, face à realidade, concorrendo, assim, para a formação de cidadãos ativos, intervenientes e autónomos.

De acordo com o que está definido nos programas de Inglês (continuação/iniciação) do Ensino Secundário, as finalidades e os objetivos estão formulados por referência às competências gerais (saber, saber fazer, saber ser e saber aprender) e às competências específicas que interagem na aquisição de uma competência comunicativa: linguística, pragmática e sociocultural.

Debruçar-nos-emos sobre a competência linguística que neste trabalho específico é a que nos interessa promover no aprendente. A competência linguística desdobra-se em competência lexical, competência gramatical, competência semântica, pragmática e competência fonológica, reportando-se às funções da língua como sistema. Um dos pontos essenciais ao nível curricular. Isto é, a dimensão da língua possui uma componente de aprendizagem ao nível do domínio da palavra, frase e / ou prosódia. A assunção de que a validação e a verificação da aprendizagem realizada se processam através de competências metalinguísticas e linguísticas constitui uma revelação da abordagem epistemológica do ensino/aprendizagem do Inglês. A aprendizagem respeitante à língua inglesa refere-se ao sujeito e ao respetivo processo formativo em que está envolvido respeitantes a duas aptidões essenciais: a de mobilizar competências prévias, por um lado, e a de, por outro lado, integrar as novas competências decorrentes da componente de aprendizagem anteriormente identificada. (www.dgjidc.min-edu.pt/data/.../Programas/ingles_10_11_12_cont.pdf)

A abordagem aos programas prende-se com a competência linguística, como atrás foi referido e com a verificação de como o *Aspetto* e o *Present Perfect*, foram introduzidos nos programas de Inglês de nível básico e secundário.

No que concerne ao nível básico, a noção de *Aspetto* é introduzida no 7.º ano no Programa de Inglês, LE I e LE II (Programa e Organização Curricular – Ensino Básico 3.º Ciclo, p.22) e refere o *Aspetto* Progressivo Presente e Passado e o *Perfect Present*: “Relato de acontecimentos ocorridos em tempo indeterminado anterior ao momento presente.”

No que se refere à LE II (p.106) do mesmo programa, verificamos que apenas no 8º ano se introduz o *Perfect*.

No nível secundário de escolaridade, tanto o programa de Inglês Iniciação como o de Continuação referem a variação verbal em Tempo (presente simples e passado simples) e *Aspetto* (progressivo: presente e passado; *Perfect*: presente e passado e o *Perfect* progressivo: presente e passado). O que consideramos algo inusitado é o facto de nem as gramáticas pedagógicas de autores ingleses ou portugueses, por nós analisadas no ponto imediatamente anterior, nem os manuais escolares analisados no ponto seguinte, fazerem qualquer referência à categoria aspetual, incluindo, tanto as formas verbais, como as

formas aspetuais, num grande ponto chamado *Verbs*. Como podemos observar, as orientações programáticas não estão a ser observadas e não compreendemos porquê.

Pretendemos demonstrar que, de acordo com os programas de Inglês, quer do ensino básico quer do ensino secundário, existe uma grande diferença entre forma gramatical e forma aspetual, embora a forma aspetual possa ter manifestação na forma verbal. Pretendemos, sobretudo, demonstrar que o *Present Perfect* é uma forma aspetual e que situa as situações / ações no passado, tal como define o programa em vigor.

3.3.1 Manuais escolares adotados nas escolas Básico e Secundário

Segundo Bessie Dendrinis, o objetivo de um manual escolar de língua estrangeira consiste em ajudar os alunos a aprenderem a compreender e a reproduzir uma língua, de forma gramaticalmente correta e socialmente aceite em contextos sociais específicos.

Dendrinis mais uma vez reforça a ideia de que tendo consciência das nossas ações poderemos utilizar a linguagem por forma a atingirmos os nossos objetivos do ponto de vista social fomentando a mudança. Assim, e enquanto instrumento pedagógico, o manual escolar constitui um veículo de excelência de um sistema de valores, de uma cultura e de fatores de desenvolvimento de capacidades e de mudança de atitudes. O manual escolar é agente de inculcação da cultura dominante.

Trata-se de um meio didático por excelência, guia orientador do ensino / aprendizagem, facilitador de auto - aprendizagem, motivador e veículo de conteúdos programáticos essenciais dos conhecimentos propostos nos programas em vigor.

Os manuais escolares, vistos pelos alunos como ‘um peso’ que têm de carregar todos os dias e que os obriga a trabalhos de casa e a estudar, são na sua generalidade e por definição dotados de uma autoridade única. Os manuais têm, então, como objetivo,

veicular práticas e conteúdos educativos, isto é, transmitir saber e informação aos alunos. A forma como o objetivo é cumprido difere entre manuais.

Poderemos, então, dizer que os manuais escolares devem estar de acordo com o programa em vigor, mas não é o que verificamos em manuais do 7.º e 12.º Anos em relação a um ponto específico do programa referente à análise da competência linguística. Não vamos, conseqüentemente, analisar os manuais escolares no seu todo, mas apenas na parte que à dimensão aspetual e à forma aspetual do *Present Perfect* diz respeito. Todos os manuais analisados, à exceção do manual de 12.º ano, são manuais que vão entrar pela primeira vez no mercado. São manuais bastante apelativos e oferecem materiais e ideias de recurso a várias ferramentas disponíveis no momento, como os quadros interativos, *blogs*, *podcasts*, *the web*, etc.

O manual “English in Motion” LE I de Campbell *et alii*, dá a seguinte explicação:

We use the Present perfect to talk about: experiences; actions that started in the past and continue up to the present; past actions with a present relevance. We don't have to use a time expression to say when the event happened because this is not important.

Linda's **won** another prize.

“However, it can appear with an incomplete time expression such as *today*, *this week*, *this month*, *recently*, etc.”

I've **made** so many mistakes **this morning**.

O manual “next move” LE I, de Stannet *et alii*, refere que: “We use the Present perfect to talk about present / past experiences at unspecified time and experiences.”

We've passed all our exams.

I've eaten frogs' legs before. They're very tasty.

He's never travelled to another country.

Embora se encontre em anexo, consideramos adequado copiar um diálogo do livro que vai ao encontro do que pretendemos clarificar e ilustra bem a diferença entre o *Past Simple* e o *Present Perfect*. O *Past Simple* situa a ação no tempo, enquanto o *Present Perfect* refere apenas o facto, sem qualquer referência temporal (o sublinhado é nosso):

Zak: Have you seen my holiday photos?

Carlos: No, we haven't.

Zak: Well, this is the Arizona Desert. We stayed at a campsite there last year.

Carlos: Amazing! I've never been to a desert.

[...]

Carlos: For goodness' sake, Nadia. Have you deleted the photo?

Nadia: Yes, I have. I'm really sorry Zak. I didn't mean to.

[...]

O manual "Your Turn" LE I, da Oxford University Press, de Robert Quinn, refere o seguinte (o sublinhado é nosso): "We use the present perfect to talk about events that started in the past and continue up to the present."

They **have been** friends for five years.

She **has lived** here since 1990.

"We use the present perfect to talk about past events, whose results are visible in the present."

I've done my homework. (It's done; it's here; you can check it.) Can I watch TV now?

We also use the present perfect to talk about experiences.

I've been to the USA.

O manual refere ainda os advérbios *just*, *already*, *yet*, que conferem ao *Present Perfect* a tão conhecida expressão de extensão da ação até ao momento presente ou mesmo até ao futuro, como em *Yet*: "We use yet in negative and interrogative sentences to talk about events that we expect to happen." Dá como exemplo a frase: *She hasn't met Paul yet*.

O manual “iLearn 7” LE I, de Filipe *et alii*, refere o nível de proficiência (A2.1) do aluno, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. No que se refere ao *Present Perfect*, o manual escreve a seguinte redação (sublinhado nosso):

We use the **Present Perfect** to refer to:

- Something that started in the past and is still going on

Eg: I **have lived** here since 2010.

- An action that occurred recently

Eg: The concert **has just finished**.

- An action that happened at an indefinite time in the past

Eg: **Have you ever been** to Paris?

With the Present Perfect we normally use: just, already, ever / never, (not) yet, how often, for, since.

O manual “Target” LE I, de Couto *et al*, refere o seguinte:

We use the **Present Perfect**:

- to talk about a past event connected with the present

e.g. The plane has arrived. (the plane is here now)

They have never seen koalas. (in their life until now)

- to talk about recent events

e.g. They have just arrived from their holiday.

I’ve bought tickets for a show.

- when we don’t know exactly when a past event took place

e.g. I’ve arranged everything for them.

They’ve seen kangaroos on TV.

- We use the **Present Perfect** with these words: **never, ever, just, already, yet**

O que encontramos de comum em todos os manuais é a referência a um tempo presente, que não é real, porque tanto a explicação como os exemplos apresentados não referem qualquer ligação ao presente exceto nos casos em que se recorre aos advérbios durativos de fronteira direita aberta, que têm exatamente essa função, pensamos nós. Vejamos, então, as frases utilizadas nestes manuais:

- . Linda's won another prize. (Linda ganhou outro prémio)
- . We've passed all our exams. (Passamos todos os nossos exames)
- . I've eaten frog's legs before. (Comi pernas de rã anteriormente)
- . I've done my homework. (Fiz o trabalho de casa)
- . I've been to the USA. (Fui aos Estados Unidos)
- . The plane has arrived. (O avião chegou)
- . I've bought tickets for a show. (Comprei bilhetes para um espetáculo)
- . I've arranged everything for them. (Fiz todos os preparativos para eles)
- . They've seen kangaroos on TV. (Eles viram cangurus na televisão)

Qualquer destes exemplos refere apenas uma ação ocorrida algures no passado, sem referência temporal, e não, como em: *I've done my homework*, 'está aqui pode ver'. É claro que se pode ver porque já foi feito, como o verbo indica - no passado. Consideramos que os exemplos não são ilustrativos das explicações que os antecedem.

Mostramos agora os exemplos escolhidos pelos manuais para explicar a relevância no tempo presente (sublinhado nosso):

- . I've made many mistakes this morning.
- . He's never travelled to another country.
- . They have been friends for years.
- . She has lived here since 1990.

- . She hasn't met Paul yet.
- . I have lived here since 2010.
- . The concert has just finished.
- . Have you ever seen Paris.
- . They have never seen koalas.

Como é fácil observar, todos os exemplos estão acompanhados de advérbios que lhes conferem esse carácter de continuidade até ao presente ou de relevância no presente que os gramáticos tanto apreciam.

No entanto, temos um outro ponto em comum entre estes manuais, desta vez mais assertivo e que se prende com a explicação de que o *Present Perfect* será “an action that happened at an indefinite time in the past”, como muito bem exemplificam todos os exemplos que não recorrem a advérbios na sua construção.

Vejam agora o que o manual de fim de ciclo, 12.º Ano, nos oferece em relação a esta questão. O manual “New Aerial” LE I e LE II faz referência a “perfective verb forms”:

We use many perfective verb forms, active and passive, to say that something happened or will happen once, regularly or continuously before the present or a certain time, past or future.

Present perfect

Present perfect continuous

Past perfect

Past perfect continuous

Future perfect

Perfect infinitive

Perfect –ing form

Como exemplos para o *Present Perfect* apresenta as seguintes frases:

She's always **got up** early. (Her habit till now.)

I've only **been** a member for six weeks. (Till now.)

He **hasn't been seen** all morning. (It's soon.)

I've just **set** the alarm. (It's still set.)

O que poderemos concluir é que os alunos chegam ao fim do ensino secundário sem compreenderem o *Present Perfect*, para que serve e em que situações se deve aplicar. Outro ponto relevante é que em nenhum momento, em nenhum manual ou gramática pedagógica por nós analisada, se faz referência à forma aspetual. O que é o aspeto? Para os alunos do ensino secundário não existe certamente. Insistimos neste ponto, não obstante estar bem clara nos programas de básico e secundário a referência ao valor aspetual, esta não é, simplesmente, introduzida.

O que nos propomos fazer é criar uma forma de mostrar, de evidenciar, que é simples afinal, explicar o *Present Perfect*, e que os alunos compreendem e aplicam com facilidade, como é nossa experiência.

Assim, criaremos uma unidade didática para esclarecimento deste ponto da gramática, que provavelmente pelos motivos acima apresentados, é identificada por todos os professores como a mais difícil de ensinar e explicar.

Capítulo 4

Unidade Didática

“In language teaching, we now recognize that language is not simply grammar, but also a system of ‘communication’.”

in www.cambridge.org.br/for-teachers/teachingtips/

Até ao momento, procedemos a uma análise descritiva do *Present Perfect* constante nas gramáticas científicas e pedagógicas tanto de autores ingleses como de autores portugueses, bem como dos manuais escolares. Expusemos as contradições na fundamentação e exemplificação defendidas pelos gramáticos e autores de manuais escolares. Apresentámos também uma fundamentação dos valores temporal e aspetual do *Present Perfect*.

Pretendemos, neste capítulo, apresentar uma unidade didática para aplicação do *Present Perfect* em contexto de sala de aula destinada aos alunos de uma turma de 12.º Ano, como disciplina de opção como consta do programa inglês_10_11_12_continuação. Todos os alunos, incluindo os que pretendem seguir estudos superiores em inglês, fazem a prova de exame nacional de 11.ºano, tal como acontece em biologia. Será mais uma incongruência do sistema.

www.dgide.min-edu.pt/data/.../Programas/ingles_10_11_12_cont.pdf [...]por sua vez, em todos os cursos gerais, os alunos poderão, no 12º ano, dar continuidade à LE estudada na componente de formação geral, como disciplina de oferta de escola com programa nacional (p.3); [...] na linha da flexibilidade de percursos formativos proposta pelo Conselho da Europa, permitirá que alunos com perspectivas de prosseguir estudos nesta área ingressem no 12º ano tendo realizado um percurso formativo idêntico ao longo dos 10º e 11º anos, o que os coloca em condições de poderem ser sujeitos ao mesmo programa, independentemente do número de anos de aprendizagem prévia. No 12º ano, o programa aplicar-se-á à Formação Específica do Curso Geral

Na nossa perspetiva, o ensino da gramática é central no ensino / aprendizagem de uma língua estrangeira, embora não restritivo, pois como sabemos, aprender uma língua é muito mais do que ter competências gramaticais. Como já referimos, e como podemos observar no programa abaixo e em anexo, a aprendizagem de uma língua estrangeira é essencial à formação da pessoa humana, confere-lhe uma mais abrangente visão do mundo e das suas diversas culturas.

Para se proceder à planificação de uma aula ou unidade didática, é necessário ter em conta uma série de etapas, tal como enuncia o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação (2001: 27) e que passamos a citar:

- a identificação das necessidades;
- a definição de objetivos;
- a delimitação de conteúdos;
- a seleção ou produção de materiais;
- a elaboração de programas de ensino / aprendizagem;
- a escolha dos métodos de ensino e de aprendizagem usados;
- a avaliação e a testagem.

Muitas outras variantes há a ter em conta, para além das acima mencionadas e mais restritas ao papel do professor. A ter em conta, também, os alunos e a turma em que estão inseridos, as condições físicas do estabelecimento de ensino, a localização geográfica deste em relação à habitação do aluno, as condições socioeconómicas do agregado familiar, as questões culturais, isto é, uma imensidade de fatores que contribuirão ou não, para o sucesso dos aprendentes.

de Línguas e Literaturas e dos restantes Cursos Gerais, com uma carga lectiva semanal de quatro horas e meia (p. 5). DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA – 12º Ano: 1. A LÍNGUA INGLESA NO MUNDO; 2. CIDADANIA E MULTICULTURALISMO; 3. DEMOCRACIA NA ERA GLOBAL; 4. CULTURAS, ARTES E SOCIEDADE (p.29). Prevê o capítulo “Verbos” sendo um dos seus processos de operacionalização o Present Perfect **Varição verbal em Tempo – Aspecto [...]**

Aspecto - progressivo- presente- passado- perfect- presente- passado [...] (p.33) e que define como: “Relato de acontecimentos ocorridos em tempo indeterminado anterior ao momento presente.”

Assim, esta definição de Present Perfect apresentada pelo programa nacional, omitindo apenas o interesse manifesto do falante pelo facto passado, corresponde exatamente aos valores temporal e aspetual veiculados por esta forma aspetual e defendidos, por nós, ao longo deste trabalho. Apesar do que é dito nas gramáticas e manuais, o Present Perfect refere sempre uma ação passada, aspeto perfectivo, e não tem qualquer ligação ao presente a não ser quando acompanhado de sintagmas adverbiais durativos de fronteira direita aberta.

A questão mais importante será: Como ensinar gramática? Talvez devamos reformular a pergunta: Como ajudar os alunos a aprender a gramática de que precisam por forma a considerarem interessante, isto é, “not boring”.

Para que isso possa acontecer é necessário que o professor defina claramente na preparação da sua aula:

- Qual o objetivo desta aula?
- Qual o objetivo dos alunos? (Frequência? Exame?)
- Quais as competências linguísticas já adquirida pelos alunos?
- Que materiais estão disponíveis neste dia?

Materiais diversificados permitem abordagens diferentes e vão ao encontro de diferentes estratégias de aprendizagem preferidas pelos alunos.

Um dos problemas que enfrentamos numa aula e que está diretamente relacionado com a maior ou menor motivação e empenho por parte dos alunos tem a ver com os diferentes estilos de aprendizagem. Este, como sabemos, é um dos pontos mais difíceis de ultrapassar, daí as diferentes estratégias de aprendizagem. Se o estilo for similar, não oferecerá dificuldades de maior, poderemos, mesmo, adotar estratégias comuns. As turmas com estilos mistos são as mais problemáticas, principalmente no ensino da gramática, tema que têm por hábito recusar, mesmo que já saibam aplicar. Sabemos que as turmas têm necessidades diferentes e uma personalidade própria, que varia de turma para turma, logo, temos de estar sempre atentos e adaptarmo-nos às necessidades dos alunos e às condições concretas de sala de aula.

Breve caracterização da turma:

A turma escolhida para esta unidade didática é uma turma que se enquadra no nível B2 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Evidenciou-se um dos alunos, em cuja atividade profissional utilizava a língua inglesa nos contactos com clientes estrangeiros. Situação que detetámos na primeira abordagem ao aluno, com o qual mantivemos um diálogo bastante interessante. Percebemos também que, ao contrário do

que por vezes acontece, seria nosso aliado na ajuda aos colegas. O restante grupo também utilizava, por vezes, a língua em situações profissionais embora a um nível inferior, não obstante alguns deles já terem trabalhado ou feito estágios profissionais no estrangeiro. Trabalhavam na área do turismo e da restauração. Ouviam, sabiam e compreendiam a letra das músicas dos seus cantores preferidos, eram cinéfilos interessadíssimos, uma turma rara, poderemos dizer. Era, realmente, uma turma especial. Ou seja, todos os alunos tinham objetivos bem claros e definidos, porque tinham interesses semelhantes e porque tinham uma paixão pela língua e cultura inglesas. Todos eles fizeram pequenas encenações na sala de aula, cantaram, tocaram, representaram, etc. Sempre receptivos a qualquer sugestão, assistimos a todas peças representadas pelos ‘Lisbon Players’ – Estrela Hall, durante o ano letivo com o objetivo de interagir o mais possível com a língua de estudo. No período de interrupção letiva da Páscoa fomos todos a Londres passar um fim de semana. Foi o teste que se exigia; interagir com a cultura inglesa demonstrando abertura e respeito face a diferenças culturais; usar apropriada e fluentemente a língua inglesa, revelando interiorização das suas regras e do seu funcionamento; e dominar estratégias de superação de dificuldades e resolução de problemas, valorizando o risco como forma natural de aprender. E, correu muito bem.

Algo comum a todos os alunos, independentemente do nível de aprendizagem e do nível etário, é o recurso à Internet na sala de aula. O quadro interativo também é objeto de interesse dos alunos porque dispõe de uma variedade de ferramentas que gostam de usar.

Em concordância com as explicações apresentadas escolhemos recorrer à Internet e ao quadro interativo para desenvolvermos a nossa aula.

A turma 12.º C, acima apresentada, era composta por nove alunos com idades compreendidas entre os trinta e um e os quarenta e cinco anos. Como resultado da primeira conversa em situação de sala de aula e de um Teste Diagnóstico elaborado no início do ano letivo, foi possível enquadrar os alunos nos níveis de referência / descritores do Quadro Europeu Comum de Referência B2, embora um dos alunos demonstrasse bastante autonomia comunicacional. Ao nível da correção gramatical, ainda se registava, na maior parte deles, alguma influência da língua materna e alguns erros de estrutura. O nível B2 do QECR (2001: 63-4) refere:

[...] conversa naturalmente, fluentemente e com eficácia; compreende em pormenor o que lhe é dito em língua--padrão falada até num ambiente ruidoso; inicia o discurso, toma a sua vez quando é necessário e termina a conversa quando precisa, embora possa não o fazer de modo elegante; utiliza frases feitas (p. ex.: “É difícil responder a essa questão”) para ganhar tempo e manter a palavra enquanto formula o que quer dizer; interage com um grau de fluência e de espontaneidade que torna possível a interacção com falantes nativos, sem que haja constrangimentos de parte a parte; adapta-se às mudanças de direcção, de estilo e de ênfase que normalmente acontecem nas conversas; mantém relações com falantes nativos sem, involuntariamente, os divertir, imitar ou lhes exigir um comportamento diferente daquele que teriam com um falante nativo. O segundo foco de atenção é um novo grau de consciencialização linguística: corrige erros, se estes tiverem causado mal-entendidos; toma nota de “erros favoritos” e controla conscientemente o discurso para os evitar; normalmente, corrige lapsos e erros, se tiver consciência deles; planeia o que quer dizer e o modo como o vai dizer; considera o efeito que causa no(s) receptor(es).

É verdade que os alunos se auto corrigiam sempre que tinham consciência dos seus erros, o que por vezes não acontecia. A apresentação feita ao *Present Perfect* deixou-os realmente contentes. A partir de então ser-lhes-ia mais fácil comunicar.

Todos os alunos tinham voltado à escola com o objetivo de concluir o 12.º ano para prosseguimento de estudos, alguns na área do inglês, pelo que teriam de fazer exame nacional no final do ano letivo. Outros pretendiam seguir na área da Informática e como eles diziam ‘quem não sabe inglês, não sabe nada’. Uma motivação que faz toda a diferença.

Ajuste programático:

Tendo em mente que alguns dos alunos teriam exame no final do ano letivo, ajustámos o programa às necessidades de todos os alunos, ficando os que não precisariam de exame beneficiados e agradados, pois para além de os conteúdos de 12.º ano estarem relacionados com a língua e cultura inglesas que eles idealizavam, por outro lado, e como os conteúdos de exame correspondiam ao 11.º ano, um dos períodos letivos foi uma miscelânea de conteúdos.

Teria de ser dada mais ênfase à gramática, embora as provas de exame não disponham de muitos exercícios explícitos de gramática, terão sempre de a saber aplicar, seja qual for a situação, reformulação de frases, interpretação, composição, etc; em qualquer situação. Oralmente e por escrito. Tendo, ainda, em pensamento este último

ponto, considerámos fundamental um exercício de produção escrita livre para aplicação da estrutura revista.

Sabendo nós que o *Present Perfect* é um conteúdo gramatical que pode constituir uma barreira no processo de ensino / aprendizagem, resolvemos iniciar a aula com um exercício de *eliciting* em que os alunos dariam as suas próprias definições do tópico em análise e a partir daí dar-se-ia início à aula.

Encontrando-se os alunos em fase de conclusão de estudos, considerámos serem suficientes apenas duas aulas (90m + 45m). O nosso objetivo era que os alunos se apercebessem de que, perante os exemplos apresentados, o *Present Perfect* era apenas uma ação passada, isto é, perfeita. E que não significava relevância no presente; não significava prolongamento da ação até ao presente. Não tinha qualquer relação com o presente. Interessava a perspetiva da falante, neste caso deles próprios. Um desafio interessante a que nos propusemos. Confiámos que naquela turma e com aqueles alunos conseguiríamos.

Por outro lado, procurámos que os alunos se apercebessem naturalmente de que as frases que apresentavam adverbiais ganhavam um significado diferente. Frases que seriam facilmente reconhecidas pelos alunos como constando de manuais e gramáticas até aí usadas.

As propostas apresentadas aos alunos eram diversificadas e abrangiam os vários *skills*, não obstante o seu objetivo ser um tópico gramatical. Mas como referimos ao longo do trabalho, como referem alguns linguistas e o próprio programa nacional, para falar bem uma língua temos de conhecer a sua estrutura e aplicá-la com correção seja na linguagem oral ou escrita.

LESSON PLAN

Age/ Level of students: Adult/ High Intermediate

Topic area: The Present Perfect: reviewing / consolidation

Aims: To raise the students' awareness of how the Present Perfect works

Assumptions: The students are already aware of the structure of the language

Stages:

1. Presentation of the topic of the lesson

Teacher presents the topic of the lesson: The Present Perfect is a perfective aspect which means that the action is perfective.

Opportunity for students to reflect on what the teacher has just said.

[10m]

2. Eliciting

Students are invited to define and give examples of Present Perfect form and Past Simple tense

Students discuss the use of Present Perfect with and without adverbials

Teacher shows a slide with sentences in the Present Perfect and Past Simple

Students respond identifying each form and giving a definition

Teacher opens a page on the Internet to confirm or not what they have said

Teacher presents further examples to express Past situations

Students read and study the situations attentively

[25m]

3. Completing / Checking

Teacher opens a new page on the Internet

Students are invited to read and complete the sentences using the adequate form:

Past Simple or Present Perfect

Students read and complete the sentences – group work

Students check the results online

[15m]

4. Teacher invites students to listen to North & South BBC Episode 4 6/6 End, adapted from the book “North & South,” by Elisabeth Gaskell, chapter 52 in www.youtube.com

Students are divided into three small groups. Each group is given a copy of different chapters of the book to read and ask questions using the Present Perfect / Past Simple

They exchange the texts and try to answer those questions

Students correct their answers

[25m]

5. Consolidation 1

Students take part in a class discussion, presenting their own opinions on the topic, using it to communicate and so doing, showing how successful they have been

[15m]

6. Consolidation 2

Students will write a sort text or dialogue, putting into practice what they have learnt

They will also read it loud in the class or play it, if it is a dialogue.

[45m]

General Discussion

What is the difference between sentences a) and b) in the following exercise:

- 1. a) Mary saw «Hugo» with her boyfriend.
b) Mary has seen «Hugo».
- 2. a) She met him this morning.
b) She's met him this morning
- 3. a) Mary hasn't bought a new dress for a year.
b) Mary bought a new dress a year ago.

PRESENT PERFECT

Definition and Use

Present Perfect

- **Present Perfect**
- **FORM**
- [has/have + past participle]
- Examples:
- You **have seen** that movie many times.
- **Have** you **seen** that movie many times?
- You **have not seen** that movie many times.

- **USE Unspecified Time Before Now**
- We use the Present Perfect to say that an action happened at an unspecified time before now. **The exact time is not important.** You CANNOT use the Present Perfect with specific time expressions such as: yesterday, one year ago, last week, when I was a child, when I lived in Japan, at that moment, that day, one day, etc. We CAN use the Present Perfect with unspecific expressions such as: ever, never, once, many times, several times, before, so far, already, yet, etc.

in <http://www.englishpage.com/verbpage/presentperfect.html>

Present Perfect

- I **have seen** that movie twenty times.
- I think I **have met** him once before.
- There **have been** many earthquakes in California.
- People **have traveled** to the Moon.
- People **have not traveled** to Mars.
- **Have** you **read** the book yet?
- Nobody **has** ever **climbed** that mountain.
- A: **Has** there ever **been** a war in the United States?
B: Yes, there **has been** a war in the United States.

Past Simple

- **Simple Past**
- **FORM**
- [VERB+ed] or [irregular verbs](#)
- Examples:
- You **called** Debbie.
- **Did** you **call** Debbie?
- You **did not call** Debbie.
- **USE Completed Action in the Past**
- Use the Simple Past to express the idea that an action started and finished at a specific time in the past. Sometimes, the speaker may not actually mention the specific time, but they do have one specific time in mind.

in <http://www.englishpage.com/verbpage/simplepast.html>

Past Simple

- Examples:
- I **saw** a movie yesterday.
- I **didn't see** a play yesterday.
- Last year, I **traveled** to Japan.
- Last year, I **didn't travel** to Korea.
- **Did** you **have** dinner last night?
- She **washed** her car.
- He **didn't wash** his car.

Past Actions

Present Perfect / Past Simple

- **Have** you ever **been** waterskiing?
- Yes, I have. I **went last year**. It was amazing!
- "Everybody – everybody – **has been** afraid of me. **There was** the Duchess of Boston not long ago. [...] and she nearly **died** of terror"

Past Actions

Present Perfect / Past Simple

- "What **have** you **done** with the tea-cozy I **gave you last time I came up**, Marion?" she asked. "Don't you use it?"
- "Yes, I use it every day, Jane," answered Mrs. Tower glibly. "Unfortunately we had an accident with it a little while ago. **It got burnt**."
- "But the last one I gave you got burnt."

"Jane", by Somerset Maugham

Past Actions

Present Perfect / Past Simple

She looked at them, wondering for a minute,
then she smiled a little as she said--

- 'They are from Helstone, are they not? I know the deep indentations round the leaves.
- Oh! **have** you **been** there? When were you there?'

“North & South” by Elisabeth Gaskell

in http://www.online-literature.com/elizabeth_gaskell/north-south/52/

Past Actions

Present Perfect / Past Simple

- And what about surfing?
- Have you ever tried it?
- No, I've never been surfing.
- What about you?
- Yes, I' **ve been** surfing a lot of times. I really **enjoyed** it.

Verb Tense Exercise 5

Simple Past / Present Perfect

Using the words in parentheses, complete the text below with the appropriate tenses, then click the "Check" button to check your answers.

1. A: Did you like the movie "Star Wars?"

B: I don't know. I (see, never) that movie.

2. Sam (arrive) in San Diego a week ago.

3. My best friend and I (know) each other for over fifteen years. We still get together once a week.

4. Stinson is a fantastic writer. He (write) ten very creative short stories in the last year. One day, he'll be as famous as Hemingway.

5. I (have, not) this much fun since I (be) a kid.

6. Things (change) a great deal at Coltech, Inc. When we first (start) working here three years ago, the company (have, only) six employees. Since then, we (expand) to include more than 2000 full-time workers.

7. I (tell) him to stay on the path while he was hiking, but he

(wander) off into the forest and (be) bitten by a snake.

8. Listen Donna, I don't care if you (miss) the bus this morning. You (be) late to work too many times. You are fired!

9. Sam is from Colorado, which is hundreds of miles from the coast, so he (see, never) the ocean. He should come with us to Miami.

10. How sad! George (dream) of going to California before he died, but he didn't make it. He (see, never) the ocean.

11. In the last hundred years, traveling (become) much easier and very comfortable. In the 19th century, it (take) two or three months to cross North America by covered wagon. The trip (be) very rough and often dangerous. Things (change) a great deal in the last hundred and fifty years. Now you can fly from New York to Los Angeles in a matter of hours.

12. Jonny, I can't believe how much you (change) since the last time I (see) you. You (grow) at least a foot!

13. This tree (be) planted by the settlers who (found) our city over four hundred years ago.

14. This mountain (be, never) climbed by anyone. Several mountaineers (try) to reach the top, but nobody (succeed, ever) . The climb is extremely difficult and many people (die) trying to reach the summit.

15. I (visit, never) Africa, but I (travel) to South America several times. The last time I (go) to South America, I (visit) Brazil and Peru. I (spend) two weeks in the Amazon, (hike) for a week near Machu Picchu, and (fly) over the Nazca Lines.

Check Hint

<http://www.englishpage.com/verbpage/verbs5.htm>

Chapter 50

CHAPTER L - CHANGES AT MILTON

[...] 'Have yo' heerd aught of Miss Marget lately?'

'Miss--who?' replied Mr. Thornton. [...]

'And she's not gotten married, measter?' [...]

'Not yet.' The face was cloudy once more. 'There is some talk of it, as I understand, with a connection of the family.' [...]

'Stop a minute, measter.' Then going up confidentially close, he said, 'Is th' young gentleman cleared?' He enforced the depth of his intelligence by a wink of the eye, which only made things more mysterious to Mr. Thornton. [...]

'Th' young gentleman, I mean--Master Frederick, they ca'ad him--her brother as was over here, yo' known.' [...]

'Nay! I'm not going for to tell more. I've maybe gotten them into mischief already, for they kept it very close. I nobbut wanted to know if they'd gotten him cleared?' [...]

'Son John,' said she, 'do you think I can sleep with an easy mind, while you keep awake full of care? You have not told me what your trouble is; but sore trouble you have had these many days past.' [...]

Mother, I have decided! You won't much grieve over our leaving this house, shall you, dear mother?' [...]

'I have so worked and planned. I have discovered new powers in my situation too late--and now all is over. I am too old to begin again with the same heart. It is hard, mother.' [...]

'I sometimes have wondered where justice was gone to, and now I don't believe there is such a thing in the world,--now you are come to this; [...]

'Mother!' said he, holding her gently in his arms, 'who has sent me my lot in life, both of good and of evil?' [...]

'Mother,' he went on, seeing that she would not speak, 'I, too, have been rebellious; but I am striving to be so no longer. Help me, as you helped me when I was a child. Then you said many good words--when my father died, and we were sometimes sorely short of comforts--which we shall never be now; you said brave, noble, trustful words then, mother, which I have never forgotten, though they may have lain dormant. Speak to me again in the old way, mother. 'I have had a many,' said she, sobbing, 'but none so sore as this. [...]

It was a great comfort to have had this conversation with his mother; and to feel sure that, however they might henceforward keep silence on all these anxieties, they yet understood each other's feelings, and were, if not in harmony, [...].

[Literature Network](#) » [Elizabeth Gaskell](#) » [North and South](#) » [Chapter 50](#)

Chapter 51

CHAPTER LI - MEETING AGAIN

[...] 'Oh, Margaret! here you are! I have been so wanting you. But how your cheeks are flushed with the heat, poor child! But only think what that tiresome Henry has done; really, he exceeds brother-in-law's limits. Just when my party was made up so beautifully--fitted in so precisely for Mr. Colthurst--there has Henry come, with an apology it is true, and making use of your name for an excuse, and asked me if he may bring that Mr. Thornton of Milton--your tenant, you know--who is in London about some law business. It will spoil my number, quite.' [...]

'Oh! he's failed, or something of the kind, that Henry told you of that day you had such a headache,--what was it? (There, that's capital, Dixon. Miss Hale does us credit, does she not?) I wish I was as tall as a queen, and as brown as a gipsy, Margaret.' [...]

The privileged brother-in-law came early and Margaret reddening as she spoke, began to ask him the questions she wanted to hear answered about Mr. Thornton. [...]

'I really think Edith owes me thanks for my contribution to her party. You've no idea what an agreeable, sensible fellow this tenant of yours is. He has been the very man to give Colthurst all the facts he wanted coaching in. I can't conceive how he contrived to mismanage his affairs.' [...]

'I have been unsuccessful in business, and have had to give up my position as a master. I am on the look out for a situation in Milton, where I may meet with employment under some one who will be willing to let me go along my own way in such matters as these. I can depend upon myself for having no go-ahead theories that I would rashly bring into practice. [...]

'I am not sure of the consequences that may result from them. But I am sure they ought to be tried. I have arrived at the conviction that no mere institutions, however wise, and however much thought may have been required to organise and arrange them, can attach class to class as they should be attached, unless the working out of such institutions bring the individuals of the different classes into actual personal contact. [...]

Literature Network » **Elizabeth Gaskell** » **North and South** » **Chapter 51**

Chapter 52

CHAPTER LII - 'PACK CLOUDS AWAY' (North and South)

At that third call she turned her face, still covered with her small white hands, towards him, and laid it on his shoulder, hiding it even there; and it was too delicious to feel her soft cheek against his, for him to wish to see either deep blushes or loving eyes. He clasped her close. But they both kept silence. At length she murmured in a broken voice:

'Oh, Mr. Thornton, I am not good enough!'

'Not good enough! Don't mock my own deep feeling of unworthiness.' [...]

'Look here! Lift up your head. I have something to show you!' She slowly faced him, glowing with beautiful shame.

'Do you know these roses?' he said, drawing out his pocket-book, in which were treasured up some dead flowers.

'No!' she replied, with innocent curiosity. 'Did I give them to you?'

'No! Vanity; you did not. You may have worn sister roses very probably.'

She looked at them, wondering for a minute, then she smiled a little as she said--

'They are from Helstone, are they not? I know the deep indentations round the leaves. Oh! have you been there? When were you there?'

'I wanted to see the place where Margaret grew to what she is, even at the worst time of all, when I had no hope of ever calling her mine. I went there on my return from Havre.'

'You must give them to me,' she said, trying to take them out of his hand with gentle violence. [...]

THE END.

in http://www.online-literature.com/elizabeth_gaskell/north-south/52/

Capítulo 5

Conclusão

Com o presente trabalho pretendemos contribuir para uma mais fácil abordagem ao *Present Perfect* no processo de ensino / aprendizagem em contexto de sala de aula de inglês como língua estrangeira. As gramáticas, quer científicas, quer pedagógicas, como pudemos observar, apresentam descrições linguísticas que não se ajustam à realidade da utilização do *Present Perfect* e também não há correspondência exata entre o *Present Perfect* e um tempo verbal em português, o que aumenta, sem dúvida, a dificuldade na aprendizagem.

Pudemos verificar que, a par das gramáticas, os manuais escolares também não contribuem para facilitar essa abordagem e, conseqüentemente o processo de ensino / aprendizagem não facilitará a sua compreensão e aprendizagem. Assim, conscientes de que as explicações relacionadas com o *Present Perfect* não eram as mais adequadas procurámos, em primeiro lugar, identificar os problemas que têm comprometido o seu ensino (analisámos gramáticas e manuais escolares), descrevemos os valores reais do *Present Perfect* e por fim apresentámos uma proposta de abordagem na sala de aula.

Na generalidade, o que constatámos ao longo da cuidada análise que efetuámos, foi que, para os alunos cuja língua materna não é o inglês, e sem atender à complexidade das explicações gramaticais apresentadas, o domínio desta forma gramatical poderá, na realidade, constituir um ponto de dificuldade no processo ensino / aprendizagem, quer por parte dos professores quer por parte dos alunos ao induzir ao erro, pois, nem o *Present Perfect* é uma forma verbal (como o *Past Simple*) nem descreve situações que se prolongam até ao presente. Por outro lado, não existe uma correspondência exata entre os valores do *Present Perfect* e os valores de um dos tempos verbais estabelecidos na gramática da língua portuguesa contemporânea, como já anotado. Assim, a reflexão

contrastiva desta forma aspetual, leva-nos a concluir que o tempo que equivale ao *Present Perfect* é o Pretérito Perfeito Simples, mas que, ao contrário do *Present Perfect*, apresenta uma forma simples e é aceite como expressão de um tempo passado. Em suma, pretendemos deixar bem claro que os tempos gramaticais nem sempre correspondem aos momentos reais.

Achámos conveniente e pertinente, para uma melhor compreensão deste ponto da gramática inglesa, e sua relevância contrastiva com o caso português, fazer uma abordagem ao tempo verbal e ao aspeto verbal, bem como aos sintagmas adverbiais. Assim, concluímos que, ao longo da história dos estudos linguísticos, de forma consciente ou não, o aspeto foi sendo remetido para segundo plano no que à análise linguística diz respeito. O aspeto consiste numa marcação que distingue o modo de ser da ação, enquanto o tempo procura situar a ação, saber quando ocorreu. Há línguas, como por exemplo o hebraico, que não se reveem nas formas verbais. Assim, vão usar a distinção aspetual para suprir a falta da localização temporal. A própria língua inglesa só apresenta duas formas verbais, o *Past* e o *Non-Past*. De facto, o aspeto envolve a forma como, na ótica do falante, se desenrola a ação descrita pelo verbo, isto é, o posicionamento assumido pelo falante face à ação descrita pelo predicador. Pois, o verbo é apenas um dos elementos que transporta consigo indicações temporais, não sendo, contudo, determinante na atribuição de valores temporais ao enunciado. Assim, todos os elementos linguísticos inscritos no enunciado podem influenciar os valores aspetuais do mesmo.

Desta forma dedicámos um capítulo à descrição linguística que gramáticas, portuguesas e inglesas, e manuais escolares fazem do *Present Perfect*. Resumindo, tanto o *Present Perfect* como o *Past Simple* descrevem ações passadas (tempo passado e valor aspetual perfeito), sendo que o que caracteriza, na realidade, o *Present Perfect*, e, por sua vez, o distingue do *Past Simple* é uma questão de atitude, como acima referimos. É a perspetiva adotada pelo falante perante o enunciado. No *Present Perfect*, o falante está particularmente interessado no facto ocorrido descrito pela ação do verbo e não tanto em saber, isto é, em precisar o momento em que o mesmo decorreu. Sabemos que no *Past Simple* o que importa é o momento em que ocorreu a ação, a sua localização temporal.

Assim, de acordo com tudo o que procurámos demonstrar ao longo deste trabalho, defendemos e acreditamos que a análise do *Present Perfect* deve ser entendida numa ótica

diferente da que tem sido até aqui, e que, por isso mesmo, não é o passado indefinido veiculado pelo *Present Perfect* que deve ser realçado, mas sim o seu valor fundamental e real, que consiste numa questão de perspectiva do falante, ou seja, no seu interesse pelo facto da ação, uma vez que o falante não tenciona chamar a atenção sobre o momento em que a mesma ocorreu, mas sim para o facto em si mesmo.

Procurámos demonstrar também que não é o *Present Perfect* que atribui os valores de passado recente, de relevância para o momento presente ou de permanência dos seus efeitos no tempo presente como as gramáticas e manuais referem. É claro que qualquer ato comunicativo pressupõe uma intenção comunicativa, é relevante, como refere Paul Grice em Princípio de Cooperação e as máximas conversacionais [Casanova (2011: 46)]:

Faz com que a tua contribuição conversacional se adegue, no momento em que ocorre, às necessidades do propósito ou direção comumente aceites da troca conversacional em que participas.

Diz ainda Grice que o ato discursivo é um ato coeso, com um nexos lógico em que tudo faz sentido no contexto em que se integra. Se alguém perguntar a um adulto se já almoçou “Have you had lunch?”, não quererá certamente perguntar se alguma vez almoçou na vida. Interessa sim, saber se já almoçou naquele dia, etc. e não saber se já almoçou alguma vez na vida. Também não se espera, como é lógico, uma resposta como “Bem, tenho uma vaga ideia...” Assim, o interlocutor faz da pergunta a interpretação relevante e pode responder “sim” ou “não”, pensando no momento em que o ato comunicativo decorre. “Have you had lunch?”, é uma ação passada, perfeita e relevante. Pois caso não fosse relevante não se teria estabelecido um objetivo comunicativo.

Comprovámos que o *Present Perfect* não arrasta ou faz arrastar uma ação até ao momento presente. Nas circunstâncias em que se verifica o alargar da ação até ao presente, é o valor aspetual imperfeito do adverbial durativo de fronteira direita aberta, presente na frase, que se sobrepõe ao valor aspetual perfeito do *Present Perfect*.

Concluiremos, então, reafirmando que o *Present Perfect* é a expressão de uma ação totalmente decorrida num tempo passado. Deste modo, o *Present Perfect* é a expressão de um tempo passado e de valor aspetual perfeito. Assim, não estabelece qualquer ligação

com o momento presente e em que o falante está apenas centrado e interessado no facto passado descrito pelo verbo.

Apresentámos, desta forma, uma teoria que foi por nós posta em prática no passado ano letivo com bastante sucesso. Os alunos sentiram-se ‘libertos’ de uma dificuldade da qual não sabiam como ‘sair’. Apresentámos uma unidade didática que aplica alguns dos exercícios desenvolvidos pelos alunos.

O nosso objetivo final, como não poderia deixar de ser, tendo em vista o sucesso dos nossos alunos e a pertinência de aprender com prazer, é que as propostas aqui apresentados e defendidas funcionem como um alerta para os nossos colegas e como tal, possam vir a despertar em todos eles a curiosidade de experimentar, pelo menos, verificando da sua exequibilidade.

Acreditamos ser esta a forma mais coerente e lógica de ensinar e aplicar o *Present Perfect*.

Bibliografia

ALLEN, R. L. (1966), *The Verb System of Present – Day American English*, Paris, Mouton & CO. The Hague . Paris

BOLÉO, Francisco de Paiva (1936), *O Perfeito e o Pretérito em Português em confronto com as outras línguas românicas. Estudo de Carácter Sintáctico-Estilístico*, Coimbra, Biblioteca da Universidade

BLOOR, Thomas & Meriel Bloor (1995), *The functional Analysis of English. A Hallidayan Approach*, London: Arnold, p. 9

BROOK, G. L. (1978), *English Dialects*, London, Andre Deutsch Limited

BYBEE, J.; R. Perkins; W. Pagliuca (1994) *The Evolution of Grammar, Tense, Aspect and Modality in the languages of the world*, Chicago and London, The University of Chicago Press

CAMPBELL, R.; G. Holley; R. Metcalf; S. Pedra; F. Reis (2012), *English in Motion*, Inglês 7º ano – Nível 3, Teacher’s Book, Editora Santillana Constância, Carnaxide, p.163

CAMPOS, M. H. C. (1997), *Tempo, Aspecto e Modalidade*. Estudos de Linguística Portuguesa, Porto, Porto Editora

CAMPOS, M. H. C.; M. Francisca Xavier (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta

CASANOVA, I. (1985), *O Aspecto Verbal. Um Estudo Contrastivo de Inglês-Português*, Lisboa, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 52; pp.58 – 131

_____ (1988), *Present Perfect e Pretérito Perfeito Composto: Aspectos do Aspecto Verbal*, in *Miscelânea de Estudos Dedicados a Irene de Albuquerque*, Lisboa, pp.141 - 148

_____; E. Melo Cabrita; I. Mealha et al. (1993), *The Present Perfect. A Perfect Approach*, *Revista da Faculdade de Letras*, nº 15 – 5ª série, pp.155 - 164

_____ (1996) *Linguística Inglesa*, Lisboa, Universidade Aberta

_____ (2006), *Linguística Contrastiva*, Lisboa, Universidade Católica

_____ (2009), *Dicionário Terminológico, Compreender a TLEBS*, Lisboa, Plátano Editora

_____ (2011), *Discursar em Português... e não só, O Discurso em análise*, Lisboa, Plátano Editora

COMRIE, B. (1996), *Aspect*. Cambridge, Cambridge University Press

COMRIE, B. (1985), *Tense*, Cambridge, Cambridge University Press

COUTO, C.; C. Parente (2012), *Target*, Inglês 7º Ano, Editora Leya Sebenta, Lisboa, p.174, *The Canterville Ghost* short story by Oscar Wilde

CRYSTAL, David (2001), *A Dictionary of Language*, Chicago, University of Chicago Press

_____ (2005), *How Language Works*, Suffolk, Penguin Books

CUNHA, C.; Cintra, L. (1987) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa

DENDRINOS, B. (1992), *The EFL Textbook and Ideology*, Atenas: N.C. Grivas Publications, p. 225

DIAS, A. E. da Silva (1918), *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora

EASTWOOD, J. (1999), *Oxford Practice Grammar with answers*, Oxford, Oxford University Press

FARIA, R. (2011), *Pragmática e Sociolinguística*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa

FAIRCLOUGH, N. (1989), *Language and Power*, Harlow, Pearson Education Limited, 2001

FILIPE, I.; I. Martins; M. A. Rabaça; P. Simões (2012), *iLearn 7*, Inglês – 7º Ano de Escolaridade, Edição do Professor, Edições ASA II, S.A., Lisboa, pp. 142-143

FROMKIN, V.; R. Rodman (1983) *An introduction to language*, London: Holt-Saunders, *Introdução à Linguagem*, Coimbra, Livraria Almedina, 3ª Edição, 1993, Tradução de Isabel Casanova

GASKELL, E., *North and South*, in http://www.online-literature.com/elizabeth_gaskell/north-south/

GONÇALVES, M.E.; A. Torres; *New Aerial 12*, Inglês 12º Ano – Níveis 6/8, Ensino Secundário, Student's Book, Areal Editores, Porto, p. 166

GREENBAUM, S. (1996), *The Oxford English Grammar*, Oxford, Oxford University Press

HALLIDAY, M A K (1985), *An Introduction to Functional Grammar*, London, Edward Arnold

JACOBS, R. A.; P. S. Rosenbaum (1968), *English Transformational Grammar*, London, Ginn and Company Ltd

JESPERSON, O. (1962), *Growth and Structure of the English Language*, Oxford, Basil Blackwell Oxford

LEECH, G. (1971), *Meaning and the English Verb*, Harlow, Longman

LEITH, D. (1983), *A Social History of ENGLISH*, London, Routledge & Kegan Paul Ltd

LEWIS, Michael (1986), *The English Verb – An exploration of Structure and Meaning*, London, Language Teaching Publications

Livro de Génesis, in http://www.catholic.org/bible/book.php?id=1&bible_chapter=22 ,
http://www.catholic.org/bible/book.php?id=1&bible_chapter=24

LOPES, O. (1971), *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa, Instituto Gulbenkian da Ciência, Centro de Investigação Pedagógica.

LYONS, John (1968), *Introduction to theoretical linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press

MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. Hub (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho

MAUGHAM, S., “Jane” in <http://maugham.classicauthors.net/Jane/>

MOREIRA, G., S. HOWCROFT e T. P. de ALMEIDA (2007), *Grammar Through Text – Gramática de Inglês*, Porto, Porto Editora

MURPHY, R. (1985), *English Grammar in Use – A self Study and Practice Book for Intermediate Students*, Cambridge, Cambridge University Press

NELSON, Peta L. (1996), *Grammar is Great*, Oxford, Heinemann ELT

ODLIN, T. (1994), *Perspectives on Pedagogical Grammar*, Cambridge, Cambridge University Press

Programa de Inglês Iniciação e continuação 10º 11º e 12º anos, in <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=2&letra=I> in www.dgicd.min-edu.pt/data/.../Programas/ingles_10_11_12_cont.pdf)

Programa de Inglês 3.º Ciclo do Ensino Básico, in http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/wp-c/uploads/2010/09/programa_Ingles_3Ciclo.pdf

Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação, Conselho da Europa - Ministério da Educação/GAERI. Coleção perspectivas actuais / educação. Edições ASA, 2001, in [http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro Europeu total.pdf](http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro_Europeu_total.pdf)

QUINN, R. (2012), *Your Turn*, Inglês – 7.º Ano, Livro do Aluno, Oxford University Press, p.124

QUIRK, R., S. GREENBAUM, G. LEECH and J. SVARTVIK, (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*, London, Longman Group Limited

RIVERS, Wilga M. (1978), *A practical guide to the teaching of English as a second language*, New York, Oxford University Press

STANNET, K. ; J. Wildman; C. Barraclough; F. Beddall (2012), *next move*, Inglês 7º ano, Livro do aluno, Pearson Educación, S.A., Spain, pp.90-92

SWAN, M. (1980), *Practical English Usage*, Oxford, Oxford University Press, (ed.) 1995

SWAN, M. e C. WALTER (1997), *How English Works. A Grammar Practice Book with Answers*, Oxford, Oxford University Press

TOMLIN, R. S. (1994), “Functional grammars, pedagogical grammars, and communicative language teaching”, in *Perspectives on Pedagogical Grammar*, Terence Odlin, (ed.) The Ohio State University

VINCE, M. (1998), *Intermediate Language Practice with key*, Oxford, Heinemann ELT

ANEXOS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

PROGRAMA DE INGLÊS
3.º CICLO LE I

PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO			
CONTEÚDOS	7.º ANO	8.º ANO	
	<p>— Passado simples:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos passados em tempo e/ou espaço determinados. <p>□ Aspecto:</p> <p>— Progressivo:</p> <p>= Presente:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de actividades/acontecimentos em decurso no momento. <p>= Passado:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Descrição de acontecimentos/acções em decurso num momento passado. <p>— Perfect:</p> <p>= Present:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos ocorridos em tempo indeterminado anterior ao momento presente. 	<p>— Passado simples:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos passados em tempo e/ou espaço determinados. · Usos particulares. · Com discurso indirecto. · # Passado hipotético (<i>if clause</i>). <p>□ Aspecto:</p> <p>— Progressivo:</p> <p>= Presente:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de actividades / acontecimentos em decurso no momento. · Significação futura. <p>= Passado:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Descrição de acontecimentos/acções em decurso num momento passado. <p>— Perfect:</p> <p>= Present:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos ocorridos em tempo indeterminado anterior ao momento presente. <p>— Perfect progressive:</p> <p>= Present:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos iniciados no passado mas não necessariamente terminados até ao momento presente. 	<p>— Passado simples:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos passados em tempo e/ou espaço determinados. · Usos particulares. · Com discurso indirecto. · # Passado hipotético (<i>if clause</i>). <p>□ Aspecto:</p> <p>— Progressivo:</p> <p>= Presente:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de actividades/acontecimentos em decurso no momento. · Significação futura. <p>= Passado:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Descrição de acontecimentos/acções em decurso num momento passado. <p>— Perfect:</p> <p>= Present:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos ocorridos em tempo indeterminado anterior ao momento presente. <p>= Past:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos ocorridos em tempo passado anterior a um outro passado. · Com discurso indirecto. <p>— Perfect progressive:</p> <p>= Present:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos iniciados no passado mas não necessariamente terminados até ao momento presente. <p>= Past:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Com discurso indirecto.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

PROGRAMA DE INGLÊS
3.º CICLO LE II

PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO			
CONTEÚDOS	7.º ANO	8.º ANO	
	<p>• Identifica formas verbais finitas:</p> <ul style="list-style-type: none"> □ Tempo: <ul style="list-style-type: none"> — Presente simples: <ul style="list-style-type: none"> · Expressão de hábitos, rotinas, factos gerais, sentimentos, gostos e características. □ Aspecto: <ul style="list-style-type: none"> — Progressivo: <ul style="list-style-type: none"> = Presente: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de actividades/acontecimentos em decurso no momento. · Expressão de estados temporários. □ Modo: <ul style="list-style-type: none"> — Imperativo: <ul style="list-style-type: none"> · Como expressão de: <ul style="list-style-type: none"> # Ordens. 	<p>• Identifica formas verbais finitas:</p> <ul style="list-style-type: none"> □ Tempo: <ul style="list-style-type: none"> — Presente simples: <ul style="list-style-type: none"> · Expressão de hábitos, rotinas, factos gerais, sentimentos, gostos e características. — Passado simples: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos passados em tempo e ou espaço determinados. □ Aspecto: <ul style="list-style-type: none"> — Progressivo: <ul style="list-style-type: none"> = Presente: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de actividades/acontecimentos em decurso no momento. · Expressão de estados temporários. · Sentido futuro. = Passado: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos/acções em decurso no momento passado. — Perfect: <ul style="list-style-type: none"> = Present: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos ocorridos em tempo indeterminado anterior ao momento presente. — Perfect progressivo: <ul style="list-style-type: none"> = Present: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos iniciados no passado mas não necessariamente terminados até ao momento presente. □ Modo: <ul style="list-style-type: none"> — Imperativo: <ul style="list-style-type: none"> · Como expressão de: <ul style="list-style-type: none"> # Ordens. 	<p>• Identifica e distingue formas verbais finitas:</p> <ul style="list-style-type: none"> □ Tempo: <ul style="list-style-type: none"> — Presente simples: <ul style="list-style-type: none"> · Expressão de hábitos, rotinas, factos gerais, sentimentos, gostos e características. — Passado simples: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos passados em tempo e ou espaço determinados. □ Aspecto: <ul style="list-style-type: none"> — Progressivo: <ul style="list-style-type: none"> = Presente: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de actividades/acontecimentos em decurso no momento. · Expressão de estados temporários. · Sentido futuro. = Passado: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos/acções em decurso no momento passado. — Perfect: <ul style="list-style-type: none"> = Present: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos ocorridos em tempo indeterminado anterior ao momento presente. — Perfect progressivo: <ul style="list-style-type: none"> = Present: <ul style="list-style-type: none"> · Relato de acontecimentos iniciados no passado mas não necessariamente terminados até ao momento presente. □ Modo: <ul style="list-style-type: none"> — Imperativo: <ul style="list-style-type: none"> · Como expressão de: <ul style="list-style-type: none"> # Ordens.

Ministério da Educação
Departamento do Ensino Secundário

Programa de Inglês

Nível de Continuação

10.º, 11.º e 12.º Anos

Formação Geral
Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos

Formação Específica
Cursos Científico-Humanísticos de Línguas e Literaturas,
de Ciências Socioeconómicas e de Ciências Sociais e Humanas

Autores

António Augusto Moreira
Gillian Grace Moreira (Coordenadora)
Maria Teresa Roberto
Susan Jean Howcroft
Teresa Pinto de Almeida

Homologação

20/04/2001 (10º e 11º Anos)
20/06/2003 (12º Ano)

<p>ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - sufixação (<i>emphasiz/se, falsify, shorten, ...</i>) <p>Variação verbal em Tempo – Aspecto</p> <p>Tempo</p> <ul style="list-style-type: none"> - presente simples - passado simples <ul style="list-style-type: none"> - com discurso indirecto - <i>unreal past (if clauses) / wishes</i> <p>Aspecto</p> <ul style="list-style-type: none"> - progressivo <ul style="list-style-type: none"> - presente - passado - <i>perfect</i> <ul style="list-style-type: none"> - presente - passado <ul style="list-style-type: none"> - com discurso indirecto - frases condicionais e <i>wishes</i> - <i>perfect</i> progressivo (Presente e Passado) <p>Voz</p> <ul style="list-style-type: none"> - passiva - construções infinitivas (auxiliares modais) - verbos de duplo complemento <ul style="list-style-type: none"> - casos particulares - <i>get</i> e <i>have</i> com participio passado (<i>causative use</i>) - com '<i>cognition verbs</i>' (<i>believe, feel, think, know...</i>) <p>Modalidades de expressão do futuro</p> <ul style="list-style-type: none"> - presente simples - presente progressivo - futuro progressivo - <i>future perfect</i> - expressões modais com significação de futuro <ul style="list-style-type: none"> - <i>be likely to...; be about to...</i> <p>Uso do conjuntivo</p> <ul style="list-style-type: none"> - expressões fixas: <i>If I were you ...; So be it ...; Heaven forbid ...; Come what may ...; Suffice it to say ...</i> - depois de verbos como <i>demand, suggest, request, insist, advise...</i> (<i>I suggested that he be careful; They insist that you try this new recipe...</i>) <p>Uso de formas verbais infinitas</p> <ul style="list-style-type: none"> - infinito com <i>to</i> <ul style="list-style-type: none"> - em construções como <i>I want you to do / She begged him not to go</i> - infinito sem <i>to</i> <ul style="list-style-type: none"> - auxiliares modais - depois de verbos como <i>let, make, see, hear</i> (<i>I saw her take the money</i>) - depois de <i>would rather</i> e <i>had better</i> <p>Gerúndio</p> <ul style="list-style-type: none"> - a forma <i>-ing</i> usada como nome: <i>Swimming is her favourite sport</i> - depois de <ul style="list-style-type: none"> - verbos como <i>admit, avoid, deny, detest, mind ...</i> - preposições - expressões como <i>It's (not) worth, There's no point, It's no good...</i> <p>Flexão de advérbios</p> <ul style="list-style-type: none"> - formas irregulares - comparação/intensificação: <i>He speaks so quickly that...</i> - proposição introduzida por <i>The + comparativo (double comparative)</i> <i>The sooner ... the better</i> - posição de advérbios/locuções adverbiais na frase (incluindo em posição inicial, conduzindo a inversão)
---	--

Ministério da Educação

Departamento do Ensino Secundário

Programa de Inglês

Nível de Iniciação

Formação Específica

Autores

António Augusto Moreira
Gillian Grace Moreira
Maria Teresa Roberto
Susan Jean Howcroft
Teresa Pinto de Almeida

Coordenadora

Gillian Grace Moreira

16/10/2001

VERBOS	<p>O uso de diferentes tipos de verbos</p> <ul style="list-style-type: none"> - principais (regulares e irregulares): <i>be, do, have, say, make, go, take, come, see, know, get, give, find, ...</i> - auxiliares <ul style="list-style-type: none"> a. dos tempos compostos b. da voz passiva c. modais: <i>can, could; may, might; must; will, would; shall, should, ought to</i> d. modais marginais: <i>used to, be able to, have to / have got to</i> - expressões fixas: <i>had better, would rather</i> - <i>Phrasal verbs</i> (os mais correntes) - <i>Prepositional verbs</i> (os mais correntes) <p>Casos mais correntes da formação de verbos</p> <p>Formação do verbo por</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prefixação (<i>foresee, undo, enlarge, enrich, discourage, reopen, ...</i>) - Sufixação (<i>emphasiz/se, falsify, sorten, ...</i>) <p>Variação verbal em Tempo – Aspecto – Modo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tempo <ul style="list-style-type: none"> - Presente Simple - Passado Simple <ul style="list-style-type: none"> - com discurso indirecto - <i>unreal past (if clauses) / wishes</i> - Aspecto <ul style="list-style-type: none"> - Progressivo <ul style="list-style-type: none"> - Presente (significação futura) - Passado - <i>Perfect</i> <ul style="list-style-type: none"> - Presente - Passado <ul style="list-style-type: none"> - com discurso indirecto - frases condicionais e <i>wishes</i> - <i>Perfect Progressive</i> <ul style="list-style-type: none"> - Presente - Passado - Modo <ul style="list-style-type: none"> - Imperativo <p>Voz</p> <ul style="list-style-type: none"> - Activa - Passiva <ul style="list-style-type: none"> - omissão do agente da passiva - construções infinitivas (auxiliares modais) - verbos de duplo complemento <ul style="list-style-type: none"> - casos particulares <i>get e have</i> com participio passado (<i>causative use</i>) <p>Modalidades de expressão do futuro</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Will / Shall</i> + infinito - <i>Be going to</i> - Presente progressivo - Presente simple <p>Uso de formas verbais infinitas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Infinito com <i>to</i> <ul style="list-style-type: none"> - em construções como <i>I want you to do...</i>
---------------	--